

Chico Buarque



Já que ele faz 60...

Ouvimos 60 sobre ele. Um ministro. Um presidente. Um rei. Um porteiro.

Três letras creditadas a Chico, só agora reveladas

Especialistas dissecam a 'unanimidade nacional'

Os entraves com a mídia, mal-entendidos, picuinhas

Críticos analisam canções, livros, peças, filmes

E uma questão final: Chico Buarque é bonito?



LULA BRANCO MARTINS

Chico Buarque é um desafio. Diga-se até, é um entrave para o equilíbrio. Compositor de maior prestígio no país, tem histórico de bom cidadão. Lutou contra o regime militar, apoiou as Diretas. Fala pouco, não é espalhafatoso e não se expõe sem necessidade. Chico é um símbolo.

Suas letras alimentaram teses, dúzias de livros, pesquisas. Haveria algo ainda a ser revelado em rimas e entrelinhas? A verve literária, faceta mais recente do artista, já foi objeto de estudo, fartamente esmiuçada em resenhas. Sobre o Chico inventor de histórias, resta dizer algo?

O *Jornal do Brasil* preparou este *Caderno B* especial com o desa-

fio de lançar ângulos novos sobre o cantor, compositor e escritor, com a preocupação de afinar o elogio – tão merecido – e a crítica em alto tom. Os textos ressaltam a importância de sua obra, propõem questões, reúnem dúvidas. Além disso, são revelados versos desconhecidos, letras inéditas que repousavam na poeira dos arquivos.

Chico Buarque faz 60 anos no

dia 19. A certidão de nascimento não deixa dúvida. Os olhos – cor de ardósia ou azuis? – mantêm o brilho. As marcas da idade nas feições, contudo, exibem a passagem dos anos. O artista que, até outro dia, tinha a atraente aparência de garoto, como lembra a foto acima (em algum momento entre *Pedro pedreiro* e *A banda*), hoje já pode, e deve, ser chamado de senhor.

60
PEDAÇOS DE MIMCACÁ DIEGUES
Cineasta

Dirigiu *Quando o carnaval chegar*, em que Chico é ator. Diz que o artista é um dos brasileiros mais íntegros que já conheceu. Músicas favoritas? *Joana francesa*, *Morro Dois Irmãos* e *Quem te viu, quem te vê*. Livro? *Budapeste*. "Pena que ele esteja investindo tanto na produção literária. Sinto falta de não ter um disco novo do Chico a cada ano". Cacá lembra *Chico & Caetano*: "Aquele foi o melhor programa musical da TV nos anos 80". E, analisando o sucesso e a timidez do artista, define Chico assim: "Ele é um homem famoso em busca do anonimato".

ANTÔNIO ADOLFO
Pianista, compositor

Elogia a simplicidade de *A banda*, gosta também da *Ópera do malandro*. Acha que Chico merecia, como presente, um "Brasil mais justo". Há dois meses, jantava na Capriciosa com um produtor japonês, quando Chico entrou. O nipônico ficou histérico, uma tietagem só. Adolfo tocou com Chico em discos como *Sinal fechado*.

MARLENE
Cantora

Interpreta *Uma canção desnaturada*, na *Ópera*. Não vê o artista há tempos e lamenta: "Ele e Marieta iam às vezes à minha casa, mas desde a separação não o vi mais". Marlene abriu o coração ao JB: "Chico não tem idéia do que eu sinto por ele. Acho lindos aqueles olhos de gato. Quem sabe ele me procura depois desta entrevista". De presente pelos 60 anos, daria "um carinho no coração dele, mas nada de sexo, não".

LEONEL KAZ
Jornalista, professor

É autor do livro *Brasil: rito e ritmo*, repleto de fotos da MPB. A primeira é de Chico, logo no sumário. "Tenho o maior ciúme, por causa das mulheres, que o adoram. De vez em quando o encontro no Celeiro, ali no Leblon, mas mantenho uma distância regulamentar de admirador". Leonel Kaz não o vê como "gênio", nem gosta da palavra. Fã incondicional é mesmo do pai de Chico, o historiador Sérgio Buarque de Holanda.

HELENA SEVERO
Presidente da Fundação
Teatro Municipal

Fã de *Beatriz*, de Edu e Chico. "Ele sofreu com a ditadura, foi censurado, apoiou o regime de Cuba, mas nunca transformou isso em marketing". Helena acha Chico bonito: "A beleza é um conjunto de circunstâncias". Prefere as canções aos livros. E deseja que Chico tenha ainda outros netos. "Sei que ele os ama".

Onipresença musical

Obra abrangente, que nunca afrouxou o laço do apuro estético

TÁRIK DE SOUZA

Chico Buarque projetou-se no cenário da transformação da bossa nova em MPB, em meados dos anos 60. Seu repertório inicial, direcionado ao samba, choro, marcha-rancho, modinha e samba-canção, chocava-se com o vanguardismo cool jazz da bossa. Reposicionava influências de certa forma arquivadas pela estética do movimento, como as dos seminiais Noel Rosa, Ismael Silva, Pixinguinha, Braguinha e Lamartine. Quarenta anos atrás, ele se movia nos shows de universidades e teatros paulistanos junto com outros novos, como Toquinho e Taiguara e cantoras como Ivette, Maria Odete e Maricenne Costa, que faria a única gravação de seu primeiro sucesso, a fraternal *Marcha para um dia de sol*. Esta música foi descartada, junto com *Teresa tristeza*, *Roda gigante* e outras. Seriam meros rascunhos, perto dos cartões de apresentação *Tem mais samba*, *Pedro pedreiro* e *Sonho de um carnaval*, defendida pelo futuro rival Geraldo Vandré no Festival da Excelsior de 1965.

Mas já no ano seguinte, Chico emparelhava sua marcha-dobrado *A banda* com a moda de viola de Vandré e Theo de Barros *Disparada*, no topo de outro festival, na mesma Record. Iniciava uma carreira tão fulminante, que o cético filósofo do humor Millôr Fernandes chegou a chamá-lo de "unanimidade" e o papa da bossa, Tom Jobim, de volta de um período triunfal nos Estados Unidos, o considerou a "única novidade" do país. E de imediato se tornou seu parceiro em temas da relevância de *Sabiá* (vitorioso no FIC de 1968), *Olha, Maria e Pois é*, e numa das mais belas composições da MPB, *Retrato em branco e preto*. Cabeça feita (como todos de sua geração) pelo divisor de águas *Chega de saudade*, na voz de João Gilberto, Chico beneficiou-se do arejamento harmônico da bossa e do coloquialismo do estilo, que o permitiu tornar-se um cantor mesmo do



A nata da MPB em foto histórica: vêem-se, entre outros, Caetano, Vinicius, Paulinho da Viola e o jovem Chico

voz pequena, algo que seu ícone Noel, sem muito êxito, arriscara 30 anos antes.

Na trilha dos festivais, Chico acabou empurrado para o papel de bom-moço fiel às tradições, enquanto Caetano Veloso e Gilberto Gil, via tropicalismo agressivo e vanguardista, a partir de 1967 afrontavam – em forma e conteúdo – as instituições. Não faltaram acusações de conservadorismo, revogadas na anárquica montagem de sua peça *Roda viva*, do diretor Zé Celso Martinez Correa. Após um breve auto-exílio na Itália com Toquinho, ele bateu-se num corpo a corpo com a ditadura a partir do missil *Aparar de você*, de 1970, endereçado ao general de plantão, Médici. A Censura, que já o vetara em 1966 por uma sátira à desvalorização do almirante Tamandaré, demorou a perceber o alvo da pretensa diátria amorosa. Cabeças rolaram e Chico virou bola da vez dos catões, a ponto de em 1974 lançar o LP *Sinal fechado* com obras alheias. Exceto *Acorda, amor* (a do bordão "chame o ladrão") da dupla Julinho da Adelaide e Leonel Paiva, só descoberta como pseudônimos após mais degolas na Censura – que passou a exigir documentos de identidade dos autores.

Mesmo na linha de frente desta guerra, Chico não transformou a obra em panfleto. Manteve o sarcasmo, como no sam-

ba rock *Jorge Maravilha* ("você não gosta de mim/ mas sua filha gosta") dirigido ao general seguinte, Geisel, cuja filha apreciava sua música. Nunca afrouxou o laço do apuro estético em monumentos como *Construção* (1971) ou no catimbado *Chico canta* (1973), em que até o título (de sua peça *Calabar*) e a capa foram vetados. Finda a ditadura, Chico abriu as gavetas (*Cálice*, com Gil) e propôs com o parceiro Francis Hime (o mesmo com quem levantou o tema *Pivete*) uma saideira otimista. no samba-enredo *Vai passar*. Chico, que rompeu a rivalidade com Caetano (protagonista de uma regravação polêmica de seu samba canção *Carolina*) ainda num show-disco em dupla em 1972, acabou trilhando a estrada estética aberta pelo tropicalismo. Gravou de tango ao *Baioque*, num diálogo permanente com o cinema, o teatro e outras artes, sem desviar-se de sua postura política (compôs *Assentamento* e *Levantados do chão*, com Milton, para o MST). A partir dos 90 passou a alternar discos e livros, espaçando aparições, embora participe frequentemente de discos alheios. A força de sua obra, permanentemente regravaada, no entanto, é a de uma onipresença.

Tárik de Souza é colunista e crítico de música do Caderno B

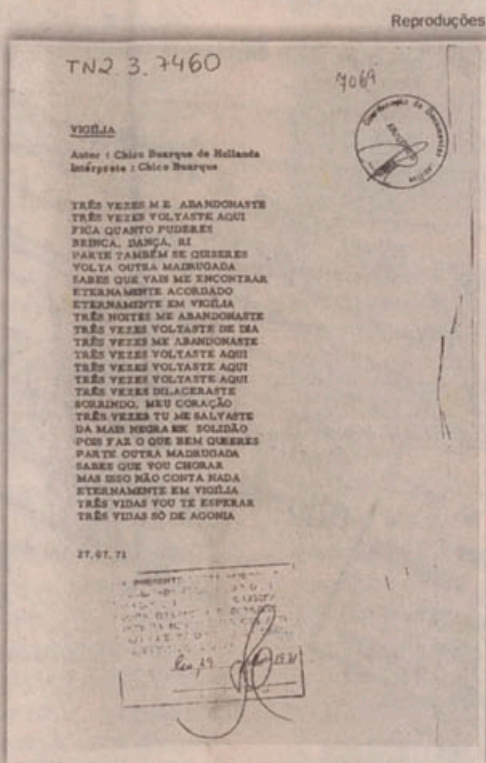
Algumas
surpresas
no meio
da poeira

Os documentos que o JB reproduz ao lado foram encontrados pela historiadora e pesquisadora de MPB Maria Clara Wasserman no Arquivo Nacional, ao fim de seis meses de consultas quase diárias, durante o ano passado. São letras batidas à máquina, com um mesmo nome para autor e intérprete: Chico Buarque de Hollanda. Chamam-se *Vigília* e *Primeiro encontro* e têm a mesma data, 27 de julho de 1971.

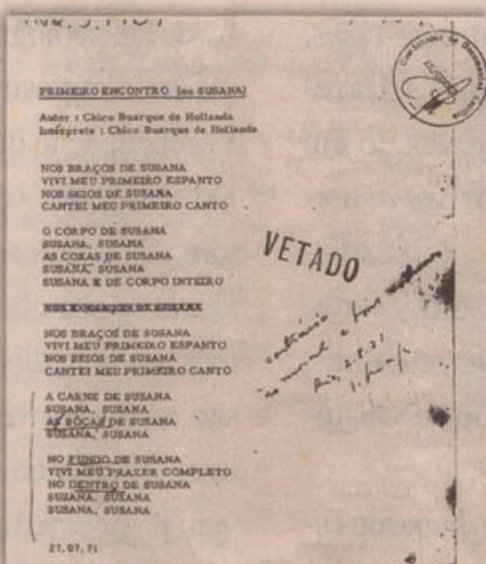
Uma equipe do JB esteve no Arquivo Nacional, há três semanas, e teve acesso aos documentos originais das letras. Constatou-se que elas fazem parte do mesmo pacote de canções do LP *Construção*, lançado por Chico naquele ano. Seus registros têm numeração seqüencial. Lá estão, entre as duas surpresas, canções de Chico bem conhecidas, como *Deus lhe pague* e *Cordão*. O papel de todas é igual: uma folha fina, como seda, já bem amarelada, com furos de fichário na parte lateral. A tipologia das letras é a mesma. Minúcias como o estilo de rasura e o espaçamento entre as linhas também foram verificadas. Na comparação destes detalhes com as músicas que acabaram entrando no LP, tudo bate.

Consultando novas papeladas da repartição, em meio à poeira o JB descobriu, semana passada, uma terceira música desconhecida, também assinada por Chico, chamada *Noturno*. Trecho: "Quando anoitece, vem ver meu coração/ quanto padece, quanto se encanta/ e sorrateiro, feiticeiro, canta".

Há duas semanas, o JB consultou o próprio Chico, através de sua assessoria de im-



'Vigília': liberada e esquecida desde 1971



'Primeiro encontro': banida pela Censura

60
PEDAÇOS DE MIMFERREIRA GULLAR
Poeta, escritor

"Chico é uma pessoa ética, contra a qual ninguém pode dizer nada", diz o autor do *Poema sujo*. Gullar gosta de *Construção* e *Roda viva*. Daria para Chico neste aniversário de 60 anos alguns desenhos e colagens, de lavra própria. Os dois eram mais próximos nos anos 70. Quando o poeta voltou de seu auto-exílio, Chico e Marieta lhe prepararam um almoço de boas-vindas.

EDSON SOARES
Porteiro

Trabalha no prédio colado no de Chico, numa sossegada rua do Leblon: "Sempre o vejo passar por aqui, quando sai para caminhar". Tem 30 anos, é fã de Roberto Carlos, Caetano Veloso e Daniela Mercury. Não tem intimidade com músicas como *Vai passar* e *Cálice*. Acha a voz do vizinho parecida com a de Tom Jobim. O JB tentou ouvir o porteiro do prédio de Chico, mas ele não quis falar. Recomendação do síndico.

FERNANDO HENRIQUE
CARDOSO

Ex-presidente do Brasil

Daria dois presentes ao artista: um violão e uma bola de futebol. Chico já fez jingles para FH. FH já criticou Chico. Em 1998, disse que sua obra estaria mais voltada para a elite, enquanto Caetano e Gil seriam, sim, revolucionários. Ao JB, há duas semanas, FH observou que Chico é unanimidade porque "é discreto, não provoca sentimentos competitivos". Melhores canções: *Paratodos* e *Futuros amantes*. Sobre a postura política de Chico, o ex-presidente da República afirma que o artista "sempre foi coerente".

HERBERT VIANNA
Cantor, compositor

Cita a música *Construção* como obra de referência. Passou infância e adolescência sendo fã de Chico. Depois fundou uma banda de rock, virou artista, ficou famoso e de repente estava jogando futebol com o ídolo. "Foi uma celebração". Herbert, que em vários momentos da conversa se referiu à "grande energia" da obra buarquiana, deseja "mais uns 60 anos de vida" ao artista.

LOBÃO
Cantor, compositor

Não gosta da obra de Chico. Entre amigos, costuma imitá-lo em tom de deboche. Fala que MPB em geral é "aquela coisa de badabauê/badabauê". Talvez por isso mesmo, por ser visto como crítico mordaz, esteja cansado de falar sobre o assunto. Ao telefone, foi ríspido com a reportagem do JB: "Eu não quero falar. Mas dá a ele os meus parabéns pelos 60 anos". E desligou.

prensa, sobre uma destas músicas, a que mais lembra a poética do artista na época: *Vigília*. Primeiro o artista foi informado sobre o título: não lembrava, disse que nunca fez uma canção com esse nome. No dia seguinte, ele pediria que o JB enviasse, por e-mail, a letra da música – o que foi feito, de novo por intermédio de seu assessor de imprensa, Mário Canivello. Então, Chico pôde conferir os versos, e afirmou: "Esta música não é minha".

Sexta-feira agora, ao receber e ler com mais calma, em sua casa, cópias dos documentos com as letras de *Vigília* e *Primeiro encontro*, Chico mudou o discurso. Mandou dizer que "é possível" que as letras sejam dele. Contou ainda que costumava enviar à Censura algumas letras que serviriam apenas como "bois de piranha", para enganar os funcionários do órgão, e que de fato não pretendia usar. *Vigília* e *Noturno* têm carimbo de liberadas. *Primeiro encontro* (que tem um subtítulo, *Susana*) foi vetada por ser contrária "à moral e aos bons costumes". Naquela época, também era comum, conforme Chico relatou agora, mandar letras com estrofes a mais. Seria uma garantia que, caso a Censura fosse voraz com alguma parte da idéia, pelo menos alguma coisa poderia restar para ser cantada. Aconteceu, por exemplo, no chorinho *Meu caro amigo*, parceria dele e de Francis Hime – o pianista guarda até hoje uma cópia da "letra em versão maior".

Outro recurso que Chico usava, ao enviar suas letras para a Censura, era atenuar o começo e o fim das canções, com versos românticos. O objetivo: se o censor desse apenas uma olhadinha rápida, deixaria passar o miolo – e, conseqüentemente, a nitroglicerina de seu conteúdo. Isso foi feito em *Jorge Maravilha*. O JB teve acesso a estes versos – desconhecidos até hoje, eles estarão à mostra, mês que vem, numa exposição na Biblioteca Nacional: "Você não entendeu/ que o amor dessa menina/ é a chama que ilumina a minha solidão/ meu amor por ela é uma cidadela/ construída com paz e compreensão". No fim, depois do trecho efetivamente gravado de *Jorge Maravilha*, este verso, "construída com paz e compreensão", era repetido várias vezes. (L.B.M.)

60 PEDAÇOS DE MIM

LEANDRO KONDER
Filósofo, professor,
colunista do Caderno B

■ "Sou um fãzoca histórico dos romances do Chico", diz o filósofo. Ao comentar sobre a timidez do artista, Konder se lembra de uma reunião na casa de Chico, nos anos 80, época de Miro Teixeira candidato ao governo do estado: "Ele já não estava gostando muito do rumo da discussão, e ainda tinha de ficar escapando do assédio de uma moça". Ele cita *Apesar de você* como a música mais marcante: "Naquela época eu precisava ouvir aquilo, que iríamos dar a volta por cima". Leandro Konder dá o DVD de *Milagre em Milão*, de De Sica, de presente.

MARCELO YUKA
Baterista, compositor

■ "Sou fã, mas não acho que ele seja um gênio", diz. Yuka observa ainda que Chico não atinge as camadas mais pobres da população. E daria, como presente, uma viagem ao Pontal do Paranapanema, no interior de São Paulo, local de duras disputas pela posse de terra e de ação intensa do MST. O objetivo seria despertar Chico para os grandes problemas nacionais. O ex-Rappa não deve conhecer *Assentamento e Levantados do chão*. "Nossos ícones dos anos 70 hoje parecem cansados", diz Yuka, e cita Marcelo Camelo como o compositor da atualidade mais influenciado por Chico.

MINO CARTA
Jornalista e escritor

■ Um bom disco de Noel e uma imagem de São Francisco, como na letra de *A Rita*, seriam os presentes. Entre as suas músicas favoritas estão *João e Maria*, *Pedro pedreiro* e *Rosa dos ventos*. Mino Carta é fã, mas não se interessa pelo Chico escritor: "Acho que ele não precisava ter escrito *Estorvo*".

CLÁUDIO GONÇALVES
Frentista

■ Tem 31 anos e não é íntimo da obra do artista. Cláudio conhece hits como *Vai passar* e *A banda*, mas acredita a sua autoria a "não sei quem de Hollanda". Não tem nenhum disco de Chico, mesmo assim diz gostar do cantor. É fã da banda Los Hermanos.

CARLINHOS LYRA
Cantor, compositor

■ Parceiro em só uma canção, *Essa passou*, Carlinhos afirma que Chico Buarque é tão bom quanto Cole Porter. Gosta mais da fase antiga e diz: "Chico e eu não temos produzido tanto por causa do mesmo mal. É que não existe mais mercado para a música boa". E prossegue o seu discurso pró-estética: "Chico não é voltado para a elite, é voltado para o bom gosto. Se você pegar, no meio do povo, jovens com bom gosto, aposto que eles adoram estas canções".

Brincando no quintal das palavras

Chico seria mais inovador escrevendo livros ou fazendo canções?



A literatura buarquiana é tida como difícil; mas as complicações podem virar um prazer no caminho

Marcelo Tabach, 1991



ALEXANDRE AMORIM

Chico Buarque é um esteta. Mesmo que seu primeiro conto publicado tenha sido uma tentativa não muito original de traduzir o mito de Ulisses para as odisséias cotidianas, ou mesmo que sua primeira novela remeta ao livro *Revolução dos bichos*, de George Orwell, aplicado aos dias de ditadura militar no Brasil, sua preocupação com a palavra já estava presente nesses textos. No conto *Ulisses*, o homem comum é retratado em seu desespero de ser acolhido pela companhia, apesar de sua mediocridade: "Talvez você espere contos fantásticos... Mas não, Penélope, não ouvi o canto das sereias". As respostas de Penélope não são ouvidas. As técnicas narrativas se mostram como um desafio ao autor, meticoloso já em suas primeiras obras.

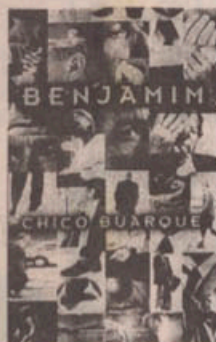
Em entrevista a um jornal argentino, Chico disse em 1999 que se achava mais inovador em seus livros do que em suas canções, pelo maior conhecimento literário do que musical. Mesmo que esse conhecimento por vezes se traduza em influências, patentes em seus textos, é fácil descobrir o escritor experimentando romper ou fundir estilos literários para buscar o seu próprio. Assim como *Ulisses*, o livro infantil *Chapeuzinho Amarelo*, nascido de uma historinha contada a Luísa, uma de suas filhas, também foi escrito como paródia, mesmo que subvertendo a moral do conto original de Perrault. No caso de *Fazenda modelo*, o livro de Orwell foi o mote para que sua voz libertária apresentasse como patéticos os rumos seguidos pelos dirigentes deste país nos anos de chumbo. Chico ainda tentou se esquivar da comparação em 1975, declarando ao *Pasquim* que "nem conhecia" *Revolução dos bichos* quando escreveu sua novela pecuária. Mas se os porcos de Orwell são uma metáfora genérica do ameaçador absolutismo de então, os bois que habitam a fazenda imaginada por Chico Buarque eram retratos específicos do desgoverno brasileiro, onde os militares alimentavam o povo com o sonho da casa própria, loteavam a Floresta Amazônica e se incumbiam de fazer crescer o bolo, para poder então dividi-lo. "Escrevi não por uma necessidade literária, mas política", afirmava o autor, numa entrevista concedida à revista *Bundas*, em junho do ano 2000.

Ainda em *Estorvo*, de 1991, essa amalgama de influências volta a acontecer,

agora dando maior espaço à originalidade de estilo do autor. Não é à toa que a Companhia das Letras e o próprio Chico apresentam esse livro, *Estorvo*, como uma novidade, deixando suas experiências literárias anteriores guardadas em um baú. É uma nova fase na escrita de Chico Buarque, na qual ele busca com mais maturidade sua própria maneira de se expressar na literatura. Aponta-se claramente a influência de Rubem Fonseca no modo narrativo e de João Gilberto Noll na questão do deslocamento e da submissão ao devir, mas em nenhum momento duvida-se da assinatura do autor: é Chico Buarque



O infantil 'Chapeuzinho Amarelo' e, pela ordem de lançamento, os outros livros do escritor Chico



quem escreve a história, onde o título prediz a sensação contínua de incômodo que nos causa o personagem principal, sempre incompatível com os ambientes em que se encontra.

O protagonista de *Estorvo* não se sente em nenhum momento abrigado ou resguardado, em qualquer lugar que esteja. Ao contrário, ele se vê perseguido e está sempre em fuga, mesmo que em sua própria casa, na casa da irmã que prefere ignorá-lo, no sítio abandonado de sua família ou na casa da ex-mulher que o despreza: "Não adianta ficar aqui parado. Eu não posso me esconder eternamente de um homem que eu não sei quem é". Este deslocamento pode ser utilizado com um duplo sentido, já que o personagem está em constante movimento e ao mesmo tempo é um elemento desarticulado do sistema em que vive.

Lançado no ano de 1995, *Benjamim* volta ao tema do homem deslocado de seu meio. Talvez seja o livro mais incompreendido de Chico.

O idealizado triângulo amoroso entre Benjamim, Castana e Ariela é formado por uma narrativa calcada em linguagem cinematográfica, e pode causar estranheza no leitor a abordagem nervosa do narrador, como se fosse uma câmera que nunca estivesse presa a um tripé, mas sempre sendo carregada na mão de quem nos mostra o que está se passando. Essa narrativa rápida pode nos remeter a flashbacks e tenta nos enxertar na cabeça do personagem-título, um homem que já não distingue completamente suas memórias daquilo que vive no presente. O próprio Chico reconhece que pode haver algo de *nouvelle vague* no modo de narrar, o que pode ser uma pista para acompanhar as desventuras de um homem cuja história ele mesmo põe em xeque. Mas escolher pistas não é a melhor maneira de se ler um livro. Se *Estorvo* e *Benjamim* são considerados livros "difíceis", a dificuldade de lê-los deve ser considerada mais um prazer a ser desvendado. Ler os livros de Chico Buarque não se resume a entender as histórias, mas também a saborear as palavras, as frases e as vozes que as formam.

As palavras, tratadas com harmonia em suas canções, são quase que protagonistas de sua última obra. Talvez por isso *Budapeste*, publicado no ano passado, tenha sido seu livro de maior aceitação pelo público. São outras palavras - escritas, e não cantadas. Mas em nenhum livro de Chico Buarque um assunto é trabalhado com tanta leveza. Se a narrativa sempre foi lapidada, *Budapeste* traz a matéria-prima da escrita, a linguagem, para a frente do texto, tornando explícito o talento do autor. Influências ainda existem: a metalinguagem anda em voga e o autor não vive isolado do mundo. A história do *ghost-writer* José Costa e seus textos atribuídos a outros nomes torna-se, entretanto, bastante autoral quando, mais uma vez, seu deslocamento vai influenciar sua identidade. Se em *Estorvo* e *Benjamim* as identidades dos protagonistas se apresentam fragmentadas, *Budapeste* mostra o processo de ruptura da identidade através da busca de sentido para as palavras e para a escrita. Chico está à vontade, brincando em seu próprio quintal.

Escrever romances pode ser uma mostra de ecletismo do compositor Chico Buarque. Pode também ser um descanso do músico ou uma fuga da escassez temporária de inspiração melódica. Não importa muito qual a explicação, até porque Chico costuma concordar com todas elas, quando é perguntado sobre isso. Importa aproveitar mais uma faceta de um compositor (e autor) genial. Importa notar que o autor (e compositor) sabe lidar com a prosa de seus livros tanto quanto com a poesia de suas letras. E quem há de afirmar que esta lhe é superior?

Alexandre Amorim é mestre em Letras

60 PEDAÇOS DE MIM

IVAN JUNQUEIRA
Poeta, escritor, imortal

■ O presidente da ABL faz restrições à literatura de Chico: "É um escritor menor, ainda mais se compararmos com o compositor". Diz que é imprevisível afirmar se Chico um dia será imortal: "Esta casa é cheia de caprichos". Define o artista como "o grande herdeiro de Noel Rosa e Ismael Silva".

JUCA CHAVES
Cantor, compositor, humorista

■ Tem como música favorita *A banda*, gosta de outras tantas, mas afirma que o grande compositor brasileiro, maior que Chico, maior que todos, é Luiz Vieira, autor de *Menino passarinho*. Sobre o Chico escritor, responde com ironia: "Livro, passou dos 50, todo mundo faz". Aproveita para contar uma piada. "Estavam Chico e Vinicius de Moraes, boêmios inveterados, num automóvel. Vinicius pede: pára o carro que eu vou descer. E Chico diz: não desce, não, porque é você quem está dirigindo".

NELSON MOTTA
Jornalista, compositor, produtor musical

■ Acredita que *Futuros amantes* seja uma obra-prima, "do tipo jobiniana", e diz que *Construção*, num certo sentido, é heavy-metal. Os dois são amigos há décadas e as filhas os uniram ainda mais. "Todos os sábados fazíamos um pacto. Eu levava as garotas para as festas e o Chico, que é mais noturno, é quem ia buscá-las". Se Chico tem sucessor? "Não. Só se fosse uma mistura de três Marcelos (Yuka, Camelo, D2) com Moska e Francisco Bosco". Se pudesse, Nelsinho compraria o time do Real Madrid para Chico pôr nas Laranjeiras.

LUIZ AYRÃO
Cantor, compositor

■ O sambista, autor de *Meu caro amigo Chico*, canção inspirada em *Meu caro amigo*, coloca a seguinte questão: "Chico teve sorte de nascer numa família rica. Não precisava da música para sobreviver e se deu ao luxo de ousar. Já eu e tantos outros, como Tim Maia e Roberto Carlos, tivemos que optar por uma música comercial. Só fazíamos poesia depois da sexta faixa do LP". Daria a Chico uma flâmula do Flu.

BETH CARVALHO
Cantora

■ A sambista gravou *O meu guri* em 1990: "Até achavam que eu era a mãe do tal guri". Diz que Chico canta bem, "mas não tem samba no pé". Leu *Estorvo*, gostou. Acha que Chico é um dos maiores escritores do mundo. Observa que o artista parece sempre bonito, "não envelhece". Daria de presente um CD com músicas de Nelson Cavaquinho.

60
PEDAÇOS DE MIMFERNANDA
MONTENEGRO
Atriz

■ Atuou em *Suburbano coração*, peça de Naum Alves de Souza, com músicas de Chico. "Ele tem olhos irresistíveis e bela dentadura branca. Às vezes a gente olha pra ele e ele, tímido, finge que não está nos vendo". A atriz é fã do livro *Benjamim*. O que daria de presente? "Ficaria diante dele e diria: quero que você viva mais 60 anos. Mas o faria discretamente, para não perturbá-lo".

EDUARDO BUENO
Jornalista, escritor

■ Autor de *A viagem do descobrimento*, Bueno tem 80 discos de Bob Dylan, mas nenhum de Chico Buarque. "Gosto dele, mas prefiro o pai. Sérgio Buarque de Holanda é o meu historiador favorito. Como não posso mais beijar os pés de Sérgio, beijo as mãos de Chico. Mas tenho uma ligação maior com Caetano e Gil. Minha mulher vai ficar chateada quando ler isso. Ela é fã de Chico".

ADRIANA DA SILVA
Caixa de supermercado

■ Gosta de *O meu guri*, também sabe de cor *A banda*. Aos 30 anos, confessa não ter discos de Chico em casa: "Se eu tiver alguma música dele em CD, só se for no meio de trilha de novela". Possui vários discos de Caetano (cantorola *Você não me ensinou a te esquecer*) e idolatra Adriana Calcanhotto.

CHACAL
Poeta

■ Daria para Chico um chaveiro do Flu. Gosta de *Beatriz e Paratodos*. "As letras de Chico têm mais a ver com a poesia escrita. As de Caetano, com a poesia falada", analisa o poeta, que segue o mote e diz: "Chico se mantém a uma certa distância da mídia, uma coisa olímpica, que o favorece, que cria uma imagem. Já Caetano e Gil são muito preocupados com a mídia. Se fossem comedistas, talvez fossem unanimidades também". O poeta vê assim os dois mais conhecidos livros de Chico: "*Estorvo* é um labirinto; *Budapeste* tem uma estrutura mais simples".

WASHINGTON OLIVETTO
Publicitário, escritor

■ Vota em *Samba e amor* e *As vitrines*. Usa uma lógica típica da publicidade para comentar a beleza do artista: "Milhões de mulheres não podem estar erradas. Ele deve ser bonito mesmo". Conta que certa vez marcou um almoço no Antiquarius para pedir uma canção que usaria num comercial. Levou um não. Daria a Chico, de 60 anos, uma camisa do Corinthians. "Ou uma fita com todos os gols do Pagão. Aliás, isso podia servir de sugestão para as emissoras de televisão a cabo. Deixa como sugestão aí".



Chico, Tom e Vinícius em momento de relax, num aniversário do 'Poetinha'

Fotos do Arquivo JB, 1978 (Milton), 2004 (Edu) e 1973 (Caetano)

Parceiros, os amigos do peito

Com quem Chico já dividiu sua criação

LULA BRANCO MARTINS

O site oficial de Chico Buarque, tocado pelo administrador de empresas e técnico em informática Wagner Homem, é simples. Não tem salas de bate-papo com os internautas, animações mais modernas ou grandes papagaiadas. Por outro lado, é organizado ao extremo. Permite, em dois cliques, que o navegador separe, por parceiros, toda a obra musical de Chico. E assim fica fácil visualizar também o recordista de canções: Edu Lobo, cinco dezenas de parcerias.

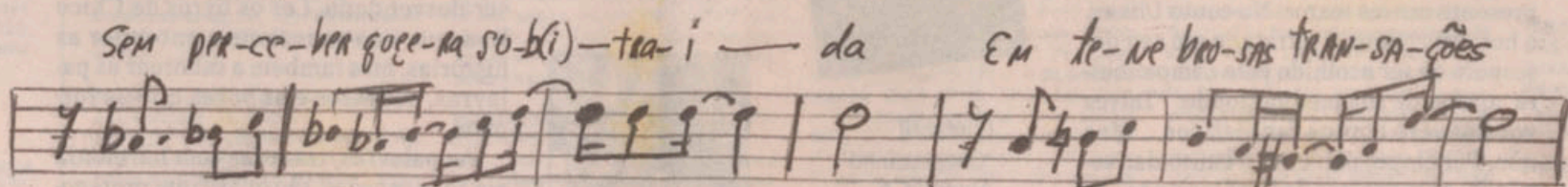
Edu está tão à frente dos outros por um motivo só: é o parceiro de Chico nos musicais. E, como cada personagem às vezes ganha uma música só para si... Os dois são autores, por exemplo, de *Beatriz e Valsa brasileira*. Com Caetano Veloso e Milton Nascimento, dois dos maiores nomes de sua geração, Chico fez mais shows e projetos do que propriamente parcerias. Com o baiano, tem duas canções. Com o carioca-mineiro, quatro. No início

de carreira, Chico teve o privilégio de compor com Vinícius de Moraes, diplomata e poeta, o *Poetinha*, velho amigo de seu pai. São os responsáveis, entre outros, por *Gente humilde* (com Garoto) e *Valsinha*. De todos os parceiros, o grande mestre foi o maestro Tom Jobim: trabalharam juntos em 13 músicas, *Sábida* e *Retrato em branco-e-preto*, as mais conhecidas. Quando Tom morreu, em 1994, Chico ficou sem uma de suas referências musicais. Era como se compusesse só para Tom ouvir e gostar.

Há parceiros de passagem rápida e de viés pelo cancionário buarquiano. Chico já fez músicas com Dominginhos, Fagner, Djavan e com instrumentistas como seu violonista Luiz Cláudio Ramos e o pianista Cristóvão Bastos - com este, para muitos, bastou a filha única, a canção *Todo o sentimento*. Mais do que todos os parceiros, um deles (humilde, de duas músicas só) detém a maior proximidade com o letrista: é Carlinhos Vergueiro. Por quê? Porque é o maior parceiro em outro campo: o de futebol.



Ao lado, Edu Lobo, parceiro nos musicais. Acima, com Milton, e, abaixo, com Caetano: shows e projetos



Francis e a virada de 'Vai passar'

O samba *Vai passar* carrega uma história cheia de peculiaridades. Gravado por Chico em seu disco de 1984, tornou-se o carro-chefe do LP, virou clipe (raro acontecimento na carreira de Chico) e é, até hoje, fartamente usado para ilustrar imagens da campanha das Diretas. No papel, a música é de Chico e Francis Hime. Mas o primeiro projeto de concepção era mais ousado. Sua idéia era fazer uma composição com muitos parceiros, como nas escolas de samba tradicionais. Chico tinha apenas uma linha melódica na cabeça e um quase-nada de letra. O mote da melodia partira na verdade de um outro samba, este feito com Edu Lobo, chamado *Doutor Getúlio*.

Certo dia, ele juntou vários amigos em sua casa. Hoje ninguém sabe precisar quem estava lá. Carlinhos Vergueiro era um que estava. Francis, é claro, também. João Bosco, provavelmente. João Nogueira, talvez sim. Edu, talvez não. As horas iam passando, as bebidas, acabando, alguns já quase caindo pelo chão. E o samba não saía. Ninguém, mesmo naquela nata de compositores, dava uma sugestão totalmente boa. Pior: em certa parte, o samba simplesmente empacava.



Francis e Chico: início da parceria foi com o clássico 'Atrás da porta'

Ia modulando e, quando voltava ao começo, mudava, e não devia mudar, de tom. Era uma melodia capenga, sem estrutura viável. Uma música pela metade.

Naquele dia, Francis foi o que bebeu menos. Ficou sóbrio o suficiente para chegar a uma solução: este pulo do gato melódico é difícil de descrever, exigiria uma conversa técnica sobre tons e semitons. É mais fácil entender cantando: o achado do pianista conserta a música no verso "em tenebrosas transações", e na subsequente passagem para "seus filhos erravam cegos pelo continente". Francis atuou, mais exatamente, em cima da sílaba "ções". Cante: é mesmo incrível perceber como a música cresce e se resol-

ve ali. A pedido do JB, Francis escreveu as notas do trecho numa partitura, e rubricou o feito (*acima*).

Mas *Vai passar* algum segredo escondido. Depois dela, Chico e Francis jamais fizeram uma música sequer - isso depois de serem parceiros por 12 anos, em cerca de 20 canções. "Não brigamos, simplesmente a parceria acabou", disse Francis ao JB, lembrando que Tom e Vinícius também interromperam seu ciclo meio de repente e sem mais nem pra quê. Francis chegou a enviar, 10 anos depois, duas melodias a Chico. "Não consegui, Francis", teria dito o letrista, depois de algum tempo com elas nas mãos. Mas pelo menos uma já está pronta: ganhou letra de Paulo Cesar Pinheiro. (L.B.M.)

60
PEDAÇOS DE MIMPAULINHO DA VIOLA
Cantor, compositor

■ O depoimento do sambista foi, na verdade, um não-depoimento. Ele disse, ao telefone: "Eu não falo mais com a imprensa". Não aceitou o argumento de que era para um caderno especial sobre os 60 anos de Chico. "Eu sei, eu sei. Você me desculpa, mas eu não dou mais depoimento algum". Paulinho é autor de *Sinal fechado*, que Chico gravou em 1974, quando estava muito visado pela censura e preferia cantar música dos outros.

MUNIZ SODRÉ
Professor, escritor

■ "Chico é um sujeito de esquerda, mas que mantém atitude discreta", diz. "Só li *Estorvo* até a página 10, me enchi logo. Também não gosto muito dele cantando, acho a voz anasalada, prefiro o João Bosco", completa. Sodré às vezes critica, mas é fã: "Votaria nele para membro da ABL".

AGNALDO TIMÓTEO
Cantor, compositor

■ Gravou *Olhos nos olhos*, de Chico. "Não adiantou nada, pois Agnaldo Timóteo não toca nas FMs", diz o cantor, no melhor estilo terceira-pessoa. A terceira-pessoa. Se Chico é unanimidade? "Não, nem Jesus foi, nem Roberto Carlos é". Se é bonito? "É, sim. Seus olhos, principalmente. Djavan também já foi, era um negro muito bonito, mas hoje está meio desmontado". O presente de Timóteo a Chico seria uma bola, "a oficial da CBF".

CAZÉ
VJ

■ O chefe da Megaliga dos VJs Paladinos diz que Chico não toca na MTV porque, afinal de contas, "ele não tem clipe". "Mas Chico caberia muito bem num projeto acústico. Vou sugerir lá". Cita um sem-número de canções prediletas, entre elas *Feijoada completa*, *Trocando em miúdos*, *Pedra de mim* e *Apesar de você*. Daria um charuto cubano como presente de aniversário.

ZÉLIA DUNCAN
Cantora, compositora

■ Ela conta que certa vez esbarrou com Chico desavisadamente, e lá estava ele comendo manga em fatias, no balcão de um bar. "Aceita?", ele perguntou. Claro que sim. "Eu aceitaria até se fosse a coisa que eu mais odeio, que é cebola crua". Ela acha que Chico é um homem muito bonito, especialmente o seu sorriso, que Zélia define como "quase dentucinho". Gosta da fase de *Feijoada completa* e *Pedra de mim*. Daria de presente uma simples manga, para retribuir a gentileza.

Evandro Teixeira, 1979

Evandro Teixeira, 1978

60
PEDAÇOS DE MIMFERNANDO MENDES
Cantor, compositor

■ É autor de canções populares, como *Cadeira de rodas* e *Você não me ensinou a te esquecer*, esta última reinventada por Caetano Veloso ano passado. Pobre na infância, ele pôde continuar os estudos graças a uma bolsa que ganhou por ter feito a melhor redação, entre seus colegas da aula de português, sobre a música *Construção*. "Uma das minhas canções favoritas é *Valsinha*, do Chico e do Vinícius de Moraes, que até tive o prazer de gravar. Adoro músicas que contam historinhas de meninas", diz o compositor de *Menina do subúrbio*, *Menina da calçada* e do hit *A desconhecida*.

ROBERTO D'ÁVILA
Jornalista

■ "Um presente para o Chico? Bastaria devolver a ele tudo o que já fez de bom para o Brasil", diz o jornalista, amigo velho, que lembra uma frase de Chico surgida num papo de bar, ainda no tempo dos generais presidentes: "O futebol é a minha terapia contra a repressão". Ele afirma que Chico é "tudo o que um ser humano gostaria de ser" e aponta a "falsa timidez" como um dos seus traços mais marcantes.

ARNALDO NISKIER
Escritor, imortal

■ Vota na simplicidade de *A banda*. "Naquele momento, 1966, eu precisava de uma música assim". O escritor, dono da cadeira 18 da ABL, diz que Chico não é "mercantilista". Justifica: "Se fosse, lançaria um livro a cada três meses, e não de seis em seis anos". Sobre a beleza do colega, Niskier é enfático: "Não faço distinção sobre cara de homem, mas reconheço que ele tem os olhos bonitos. Minha esposa acha que o Chico, em relação à beleza, só perde para mim".

MAGRO

Cantor, músico, arranjador

■ Vota em *Todo o sentimento*, de Chico e Cristóvão Bastos. Mas teve muita dificuldade em escolher uma, pois "gosta de tudo". Magro é integrante do MPB-4, grupo vocal muito próximo de Chico até o fim dos anos 70. Ele enxerga o show do LP *Construção*, em 1971, no Canecão, como um "divisor de águas" na música popular brasileira.

CARLOS BARROS
Cameleão

■ Carlos vende quinquilharias no Centro, tem 26 anos e, mesmo muito jovem, canta todos os versos de *A banda*, marcha lançada por Chico em 1966. "Só comprei um disco do Chico Buarque na vida. E achei muito bom. Ouvi inteirinho e depois dei de presente para um amigo", conta o vendedor ambulante.

Censores, os inimigos da arte

Eles discutiam se a letra era boa ou ruim antes da decisão

MARIA CLARA WASSERMAN

A relação entre Chico Buarque e a Censura, durante os anos 70, tem sido motivo de inúmeras análises acadêmicas. Os recursos do compositor para escapar do crivo dos censores ficaram bastante conhecidos: utilização de palavras ambíguas (*Cálice*), inversões irônicas (*Deus lhe pague*), pseudônimos (Julinho da Adelaide e Leonel Paiva) e ainda construções de versos dotados de duplo sentido (*Corrente*).

Mas como foi que a Censura julgou Chico Buarque? O Serviço de Censura de Diversões Públicas (SCDP) reunia técnicos encarregados de julgar a viabilidade das letras, na época obrigatoriamente encaminhadas ao departamento. Durante a década de 70, ali era decidido sobre os temas que deveriam ou não ir a público. Chico protagonizou vários embates, que fizeram do artista um ícone da resistência à ditadura.

A edição do Ato Institucional 5, em dezembro de 1968, regulamentou e intensificou a ação da Censura. O artista, que já tivera uma música vetada na década de 60 (*Tamandaré*), sofreu, a partir de então, várias intervenções em sua obra - isso aconteceu até a revogação do ato, em 1978.

A mudança política, no fim dos anos 60, se refletiu na obra artística. O disco *Chico Buarque de Hollanda volume 4*, produzido entre o fim de 1969 e 1970, marca a ruptura do compositor lírico. Nesse álbum, Chico denunciava abertamente a ditadura, (*Rosa dos ventos*, *Cara a cara*) e provocava os tropicalistas (*Essa moça tá diferente*). Apesar da contumácia de algumas canções, o disco não sofreu sanções e na verdade não fez grande sucesso.

O divisor de águas da carreira do compositor se deu na virada de 1970 para 1971, com a repercussão do compacto simples que trazia *Apesar de você*. O samba-denúncia passou despercebido pelos censores e foi liberado. O sucesso foi instantâneo, vendendo mais de 100 mil cópias em sete semanas, no início de 1971. Quando o órgão censor percebeu o desliz, a repressão logo se fez sentir: a execução pública foi proibida, os discos recolhidos e o compositor autuado. A

partir desse momento, o SCDP agiu com mais cuidado. Um veto ou aprovação passava, às vezes, a depender de dois ou três censores, para que nada mais escapasse: para barrar o craque, nada melhor do que vários marcadores.

Na seleção de músicas para o LP *Construção*, também em 1971, a Censura apertou o cerco ao compositor. Várias canções foram ameaçadas de ficar de fora, entre elas a versão da italiana *Gesubambino*, de Dalla e Pallotino. Recriada por Chico com o título *Minha história*, seria vetada "por ser incompatível com o respeito que se deve às convicções religiosas existentes no país", como está escrito ao lado da letra enviada para a Censura, hoje constante do Arquivo Nacional.

O parecerista acreditava, com o veto, defender os valores morais da dita "Revolução" brasileira. *Minha história* acabou liberada e foi lançada também em compacto simples, ficando por várias semanas entre os dez mais vendidos. Outra canção do disco, *Cordão*, foi analisada com rigor. Passou pela Censura, apesar da observação de ser "um protesto contra a ordem vigente". Outras músicas da época, como *Primeiro encontro* (ou *Susana*), não tiveram a mesma sorte de *Cordão*. Foram vetadas e permaneceram desconhecidas até nossos dias.

O compositor, que se tornaria conhecido pela valorização do feminino em sua obra, passa a sofrer um outro olhar por parte dos censores quando é vetada a canção *Bolsa de amores*. E o texto de sua proibição voltava a mencionar a versão de *Gesubambino*: "O autor parece, de uns tempos para cá, estar muito preocupado em denegrir a reputação de todas as mulheres, vide uma de suas últimas composições, *Minha história*, que relata a vida de um homem, filho de uma prostituta".

Foi a partir dessa época, por causa de episódios como esse, que a Censura tornou-se um fator estrutural no procedimento de criação do compositor, como ele mesmo reconheceria em entrevistas posteriores.

Em 1972, Chico contratou com Nara Leão e Maria Bethânia no filme *Quando o carnaval chegar*. O disco com a trilha sonora do filme trazia sete músicas inéditas do compositor, entre elas *Partido alto*, que teve versos cortados por ser considerada ofensiva: "Se é engraçado ou uma infelicidade para o autor ter nascido no Brasil, país onde ele vive e encontra esse povo tão generoso que lhe dá sustento comprando e tocando seus discos, e pagando-o regimento nos seus shows, afirmo que ele está nos gozando. Opino pelo veto", escreveu o censor.

Outra faixa da trilha sonora do filme também foi, num primeiro momento, proibida. Trata-se da música *Caçada*. Por ter sido apenas proibida "de ser executada em lugares públicos", por muitos anos permaneceu praticamente desconhecida. Um aspecto peculiar nesse parecer foi a curiosa manifestação de opinião estética, por parte dos censores: "A música é uma toada, uma verdadeira obra de arte, mas isso não justifica sua liberação", diz um. "Todo o veio poético do autor foi posto à prova nessa composição. Ele foi procurar em outras palavras uma definição que está na própria *Bíblia*, qual seja o ato sexual. Temos uma obra musical limpa, uma criação de alto sentido poético", diz outro. Mas os pareceristas, ao fim e ao cabo, entenderam a música da seguinte forma: uma obra de arte, sim, mas com apelo erótico e que não seria apropriada para execução em rádio.

É importante lembrar que, no início dos anos 70, Chico não era o único que sofria pressão sob sua obra - e provavelmente nem foi o mais vetado. A Censura atuou em vários segmentos da música popular, tanto no aspecto político, como no moral. Chico driblou bem. Mandava muitas músicas que caíam em mãos de diferentes pareceristas e utilizava recursos poéticos sofisticados. Tal como um jogador, iludiu a censura o quanto pôde e conseguiu manter a palavra circulando, numa época em que o silêncio forçado pairava sobre a vida cultural brasileira.

Maria Clara Wasserman é mestre em História, professora e pesquisadora de MPB



Chico Buarque, Julinho da Adelaide ou Leonel Paiva? Ícones na ditadura

Arquivo JB, 1974

"Canta essa aí pra mim"

BEATRIZ KUSHNIR

Por definição, censor é o funcionário público encarregado da revisão e dos cortes de obras literárias e artísticas, ou do exame dos meios de comunicação de massa. No Brasil de fins da década de 1980, pós-Constituinte, a função teve seu sentido esvaziado. Mas quando, nos anos 70, os órgãos de Censura trabalhavam sem parar, o compositor Chico Buarque foi protagonista de vários

episódios, vários embates, muitos deles até curiosos. A censora Carolina, que atuou no Departamento de Censura de Diversões Públicas do Rio, até hoje tem certeza de que, na letra de *Jorge Maravilha*, os versos "você não gosta de mim/mas sua filha gosta" são uma mensagem direta a ela e a seus colegas.

Margarida, por sua vez, lembra que, ao receberem as letras das músicas, ela e os companheiros de ofício costumavam cantar alto uns para os outros (mesmo sem saber as melodias verdadeiras), tentando adivinhar qualquer segunda intenção, qualquer jogo de palavras sorrateiro. Em relação a Chico, Margarida revela que havia uma prática toda especial: era de lei carimbar como interdita todas as letras de autoria de Chico, assim que chegassem à repartição. Antes mesmo do exame. Gatos escaldados.

Para driblar este esquema pesado, o compositor cunhou um heterônimo bati-

zando Julinho da Adelaide, que seria filho da favelada Adelaide de Oliveira. A estratégia deu resultado. Músicas como *Acorda, amor*, *Jorge Maravilha* e *Milagre brasileiro* passaram sem grandes problemas pelo pente-fino e Julinho ficou tão personalizado que chegou a conceder uma entrevista ao jornalista Mário Prata, publicada na *Última Hora*. Mais do que com músicas, Chico teve problemas com uma peça: *Calabar*, dele e de Ruy Guerra, cinco vezes proibida, a partir de 1973, pelo general Antônio Bandeira, diretor-geral do Departamento da Polícia Federal nos anos 70. Ela só seria liberada cinco anos depois.

Beatriz Kushnir é doutora em História Social e autora de "Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988". Alguns censores que entrevistou para escrever o livro pediram para manter seus nomes em sigilo, o caso das duas censoras citadas no texto, que receberam pseudônimos

60
PEDAÇOS DE MIMJOSÉ DIRCEU
Chefe da Casa Civil

■ O ministro pôe Chico Buarque no mesmo patamar de Noel Rosa, Tom Jobim, Ary Barroso e Pixinguinha. "Mas com uma vantagem. Ele está presente", diz Dirceu teve o primeiro contato com Chico em 1965, ainda no tempo de faculdade. De lá para cá, foram inúmeras as reuniões políticas de que participaram. Diz que daria de presente pelos seus 60 anos "um país mais justo": "Este é o maior sonho de nossa geração, uma nação onde todos possam compartilhar a justiça e as riquezas deste nosso imenso e querido Brasil". Mas reconhece que este presente não se dá: "É um presente que, na verdade, se conquista".

ROBERTO CARLOS
Cantor, compositor

■ Quais seriam as duas melhores músicas de Chico na opinião do rei? Com a palavra, o próprio Roberto Carlos: "Eu citaria toda a obra de Chico, que é maravilhosa. Mas, se é para citar só duas, *A banda* e *Cotidiano*". Chico esteve uma vez num daqueles especiais de fim de ano da Globo. O rei cantou *Carolina*. E, os dois juntos, *O que será*.

GABRIEL, O PENSADOR
Cantor, compositor

■ O rapper já sampleou *Cálice* e cita Chico em versos como "vou continuar o idealismo, que parece arte/ e se precisar mudo até de nome, feito o Chico Buarque". Já bateu bola com o ídolo, diz que ele é "até um bom jogador", mas que, na música, Chico é "um dos raríssimos craques que nunca mandam na trave, só faz golaço".

MARIA INÊS GURJÃO
Historiadora, professora

■ Mestre em História Social, da PUC, sente-se contemplada com as crônicas sobre a mulher, diz que Chico é "referência mítica", e o defende: "As pessoas reclamam que agora ele só faz escrever. Eu, não. Ele já fez tudo que ninguém fez. Está liberado". Em vez de dar presente, agradece por Chico representar sua geração.

MARCELO PAIVA
Médico

■ Pode ser considerado o fã número 1 de Chico Buarque. Tem todos os discos, guarda com carinho programas das antigas montagens de peças (tem um de *Roda viva*, raríssimo), viaja só para ver shows de Chico e já jogou futebol com o ídolo. "Sou um fã das letras, mais do que das melodias", diz Marcelo. Certa vez, no People, no Leblon, num show em que Chico fazia apenas uma participação especial, sentou-se na mesa da frente, que era reservada para a família do artista. Percebeu a gafe e chegou para o cantinho.

60
PEDAÇOS DE MIMADRIANA CALCANHOTTO
Cantora, compositora

■ Ela admite ter sido bastante influenciada pela obra do autor de *Morro Dois Irmãos* e *Futuros amantes* - estas, as suas canções favoritas: "Teve uma época na minha vida em que eu só ouvia Chico". Respondendo sobre a unanimidade que cerca o nome dele, Adriana entende que Chico nunca tenha se exposto demais. "Ele fica anos em cima do mesmo disco, anos em cima de um livro. É isso, Chico sabe se resguardar", diz a cantora, oferecendo-lhe de presente um vinho Romanée-Conti.

JOÃO UBALDO RIBEIRO
Escritor

■ "Como se diz lá na Bahia, os nossos santos se dão bem e nos saudamos até efusivamente, o que não parece ser o forte dele", diz João Ubaldo, se esquivando de comentar sobre o Chico escritor: "Sigo há décadas o conselho de meu pai, que é não falar de oficial do mesmo ofício". No fim, confessa: "Tenho inveja dele, porque todo mundo o acha bonito e eu nunca me notabilizei por isso".

ANA CARLA COZENDEY
Designer

■ Hoje capista de livros da Ediouro, ela lembra que o primeiro LP que comprou e ouviu, logo após a fase dos discos de histórias infantis, foi de Chico: "Era aquele da samambaia", diz, referindo-se ao disco de 1978. Vota em *Valsa brasileira* e *O meu guri*. Ana Carla é autora de um poema com título singelo, simples, mas certo, definitivo: *Como eu gosto do Chico Buarque*, publicado no jornal alternativo *Jabuticás Populares*, em 1990.

ROBERTO M. MOURA
Jornalista, professor,
doutor em Música

■ Moura é fã de Chico para além do campo musical ou mesmo do literário. "Chico é o maior intelectual da sua geração", afirma. "Joguei bola com ele antes até da fundação do Politeama, no futebol de salão do Carioca. Íamos sempre, depois, para a Pizzaria Guanabara, no Leblon", conta. Encerra dizendo que "ser contemporâneo de Chico Buarque, privando de momentos de sua recatada intimidade, é um presente de Deus".

SEVERINO BARBOSA
Padeiro, confeitiro

■ Trabalha numa padaria do Leblon, tem 54 anos. Não conhece a fundo o trabalho de Chico. Confunde sua voz com as de Moraes Moreira e Ronnie Von. "Meu negócio é música cafona, brega mesmo". É fã do "conterrâneo" Reginaldo Rossi, de Fernando Mendes e de Roberto Carlos - este, o maior de todos, na sua opinião. "Sou mais acostumado à música do povo", diz Severino.

Um teatro
marcado por
adaptaçõesChico tornou-se especialista em recriar,
traduzindo outras realidades para o Brasil

Cena da peça
'Roda viva', de
José Celso
Martinez Correa;
no alto, Lucinha
Lins na nova
montagem da
'Ópera'

MACKSEN LUIZ

Chico Buarque chegou ao teatro pelos acordes da música, a sonoridade da poesia e o estrondo da política. A trilha sonora do ainda Francisco, como assinava no programa de *Morte e vida severina*, o auto de Natal pernambucano de João Cabral de Melo Neto, que em 1966 um grupo de universitários da PUC de São Paulo encenou sob a direção de Silnei Siqueira, foi tão reveladora quanto a originalidade do espetáculo, de dramaticidade rascante e ascética limpidez formal. A música original, que pontuava a encenação em momentos cruciais, conferia à saga severina de tantos que percorrem a seca, encharcados pelo convívio da morte num rio de leito árido que refluí do sertão para o mar, maior ressonância às qualidades do poema e à contundência de sua denúncia social.

Chico entra no teatro por um palco que fervilha com os acontecimentos pós-1964 e que empresta à sua música palavras de outro, mas que ficaram de tal maneira impregnadas de sua composição que *Morte e vida severina* não mais se dissocia desta co-autoria. O músico e letrista de inspiração poética e invenções lingüísticas se arriscaria, em 1968, como autor em *Roda viva*.

A peça de estréia, com alguma ingenuidade dramaturgica, se transformaria em escândalo por interferir na imagem de bom moço do compositor de *A banda*, que de repente se vê diante de um acontecimento cênico que transcende ao seu texto. O diretor José Celso Martinez Correa faz da história do ídolo popular Benedito Silva, ou Ben Silver, que é devorado pelos mesmos mecanismos que hoje armam e desarmam celebridades instantâneas, um verdadeiro manifesto do teatro de agressão. A máquina trituradora da indústria cultural, refletida na construção artificial de um cantor que sucumbe à transitoriedade da fama e é substituído por um outro, igualmente irrelevante, numa roda incessante de reposições, mereceu de José Celso tratamento arrasador. O ídolo descartável era servido de bandeja em *plata* do Teatro Princesa Isabel, onde *Roda viva* estreou, como um pedaço de fígado, espalhando sangue e repulsa nos espectadores do lírico vencedor dos festivais de música. O diretor impôs à peça desabafo do jovem compositor um roteiro quase cênico do emergente teatro de agressão, ao romper com o espaço cênico (os atores se misturavam ao público) e ao apontar sinais para a eclosão da contracultura dos anos 70. Como uma premonição, diante da qual Chico Buarque seria um mago invo-

luntário, *Roda viva* anunciava uma parcela do teatro que viria a seguir, e respondia, cenicamente, às provocações da época.

O papel relevante que a peça assumiria na crônica da ditadura, por causa da invasão do Teatro Ruth Escobar na temporada paulista do espetáculo - por um grupo que se intitulava Comando de Caça aos Comunistas, responsável pela depredação do cenário e pela violência contra o elenco -, foi a demonstração mais contundente das reações provocadas por um texto em si menos provocativo do que a montagem que o encorpou. *Roda viva* foi responsável ainda pelo estigma que se pregou a Chico Buarque, *persona-non-grata* às autoridades da hora, alvo implacável da Censura.

A sua peça seguinte, *Calabar, o elogio da traição*, de 1973, que escreveu em parceria com Ruy Guerra, também caiu em desgraça, vítima da ação predatória da Censura, que a proibiu, dias antes da estréia, estendendo o veto a qualquer menção ao título do espetáculo. A produção, que envolvia muitos atores, complexidade cenográfica e gastos vultosos, teve que ser desfeita, com enormes prejuízos à liberdade de expressão e aos produtores Fernando Torres e Fernanda Montenegro. A temporada natimorta de *Calabar* impediu a prova de palco de texto de forte conotação política, volteios narrativos e dialética retórica, para que pudesse ser avaliado mais justamente em seu tempo histórico.

Dois anos depois, outra parceria teatral. Chico se reúne a Paulo Pontes para reescrever *Medeia* como metáfora de uma tragédia social. *Gota d'água* transfere para um conjunto habitacional suburbano o conflito da mulher que, alijada da vida do homem que ama, engendra a vingança que o atingirá mortalmente. A transposição impõe a Joanna, uma *Medeia* de periferia, a mesma força detentora de segredos de deuses (prática o candomblé), cercada de vizinhas (tal como o coro grego) e investindo contra o poder (a defesa dos direitos de morar) que Jásão corteja. Acusada de populista por alguns, *Gota d'água* supera essas críticas pela consistência de sua construção e pela trilha musical, em que se destacam a canção-título e *Ben quer*.

Assim como em *Gota d'água*, *Ópera do malandro*, a peça seguinte de Chico, escrita sem colaboradores em 1978, procura referências em obra preexistente, mais uma vez pretexto para recriação em contexto nacional. Baseada na *Ópera dos três vinténs*, de Bertolt Brecht e Kurt Weill, reúne texto e música em um só Chico, transferindo a ação para a Lapa e as mazelas nacionais para o Brasil do Estado Novo. Com estrutura



Divulgação, 1968



As capas dos programas originais das peças 'Suburbano coração' e 'Gota d'água'

bastante semelhante à utilizada por Brecht, Chico Buarque segue a mesma intenção didática de revelar os mecanismos do jogo social e apontar personagens que são agentes de lógica econômica que os utiliza como peças de reposição de uma realidade perversamente perpetuada.

O autor de teatro desde então se recolheu às trilhas. E, para o balé *O grande circo místico*, baseado no poema de Jorge de Lima, criou letras de musicalidade poética. Para *Suburbano coração*, texto de Naum Alves de Souza, teceu um rendilhado de palavras, em que reveste a pieguice das periferias afetivas de versos e músicas que recriam sentimentos frustrados e emoções baratas. Em *Cambaio*, que traz a sua assinatura nas letras das belas canções, em parceria com Edu Lobo, a volátil proposta dramática desta "ópera pop", como a definem seus autores, João Falcão e Adriana Falcão, se concretiza na trilha refinada de um poeta que usa a palavra como expressão indissociável da sua sonoridade musical.

Macksen Luiz é crítico de teatro do Caderno B

60
PEDAÇOS DE MIMRICARDO CRAVO ALBIN
Pesquisador musical

■ "Tem uma música dele que me persegue por toda a vida: *Noite dos mascarados*. Sempre que eu estou contente, e sempre que eu jogo o meu contentamento na música, cantarolo esta marcha", conta Cravo Albin. Ele diz que adoraria dizer essas coisas a Chico e falar mais vezes com ele, toda semana se possível, "mas há um certo respeito reverencial de não incomodá-lo".

ED MOTTA

Cantor, compositor

■ Diz ter conhecido a obra de Chico tarde, através de um parceiro musical em comum, o violonista Guinga. Gosta de canções como *Vida e Bastidores* e diz que *Paratodos* é um dos melhores discos dos anos 90. "Gravei no songbook uma de suas canções, mas na verdade não gosto de ouvir ninguém cantando coisas do Chico. Prefiro o timbre dele próprio, ele tem um tipo de voz muito peculiar, parece um fagote cantando".

CLÁUDIO BOTELHO
Ator, diretor teatral

■ Em 2003, foi responsável, ao lado do diretor Charles Möeller, pela volta, três décadas depois, do musical *Ópera do malandro* - ainda em temporada, no Carlos Gomes. Conta que o autor quis ver um ensaio antes da estréia e aprovou quase tudo. Chico só pediu alteração nas versões de *O meu amor* e *Viver de amor*. "Chico tem dado muita importância aos livros, e quase não tem lançado discos. Sinto falta do Chico do teatro, que é onde ele pode reunir os dois tipos de obras", diz.

CHICO ALENCAR
Deputado federal

■ Político bom de frase, este: "A melhor profissão do mundo é ser assessor de imprensa do Chico, que muitas vezes só luta para que não saia nada nos jornais. Chico é tímido, quase não fala, nem se compara com Caetano e Gil, mas é mais falante que o Milton Nascimento. Shows de Chico são mais raros do que Copa do Mundo. Eu adoro *Noite dos mascarados*, *O que será*, *Todo o sentimento* e *Vai passar*. Tive uma filha que morreu pequenina. Desde então eu e minha mulher nunca mais conseguimos ouvir *Pedaço de mim*".

ALCEU MAIA
Músico

■ Começou a gravar com Chico no fim dos anos 70. Sua canção favorita é *Sem fantasia*. "Tenho uma raridade guardada comigo. Um livro de manuscritos dele, do comezinho de carreira, chamado *A banda*. Não sai da gaveta nem para xerocar. Se alguém quiser, que leve a máquina lá em casa".

60
PEDAÇOS DE MIMROSA MARIA BARBOSA
DE ARAÚJO
Historiadora

■ "O Chico é uma unanimidade por várias razões. As principais: pela dignidade do caráter como cidadão, artista, chefe de família, e pela coerência social, política e cultural nestes 40 anos de figura pública. O Chico é patriota sem ser nacionalista". Rosa diz ainda que ele não tem música "chata ou medíocre". "Tudo é bom", afirma.

MARCELO JANOT
Jornalista, DJ

■ É um dos pioneiros, no Rio, na valorização da música brasileira em pistas de dança. DJ da festa *Brazooka*, todas as sextas na Casa da Matriz, há um mês ele vem apresentando também um programa de rádio, na Globo FM: "Chico é ótimo para dançar. Na mesma noite, dá para fazer dois blocos de uma hora, só com músicas do Chico, e ninguém sai do salão. *Feijoadinha completa*, *Vai passar e Cotidiano* são três clássicos das pistas".

SÉRGIO BRITTO
Ator, diretor de teatro

■ Ele acompanhou de perto a fase inicial da primeira montagem da *Ópera*. Tem uma crítica apenas: "O texto é grande demais". Mesmo assim, afirma com todas as letras: "A *Ópera do malandro* é a maior partitura musical existente no país. Ninguém jamais compôs um musical com canções deste nível". Fã de longa data, ele só lamenta a separação de Chico e Marieta, ocorrida em 1996: "São duas pessoas ligadas a Deus, e que só se afastaram porque, realmente, a vida tem lá seus mistérios".

GUINGA
Violonista, cantor,
compositor, dentista

■ O parceiro em *Você*, você elogia o estilo do violão de Chico: "É surpreendente". Conta que ficou "perplexo" quando ouviu pela primeira vez, ao vivo, Chico e ele, a canção *Morro Dois Irmãos*: "Seus acordes têm uma geometria perfeita". Daria de presente a Chico um couro novo e, brincalhão, diz que o parceiro agora já pode tomar vacina contra a gripe de graça. Aos 54, Guinga ainda paga.

PITTY
Cantora, compositora

■ A roqueira canta em shows uma versão arretada de *Deus lhe pague*. Gosta do "Chico da ditadura", mas também tem ouvidos para canções como *Valsinha* e *A banda*. "Amo *Mulheres de Atenas*, tenho vontade de chorar quando ouço", diz. Ela daria de presente apenas um recado: "Chico, o que você construiu é eterno, sólido. Saiba que os jovens de hoje continuam admirando a sua obra".



RODRIGO FONSECA

Menestrel, figurante, muso inspirador. Muito tempo antes de *Benjamim* traduzir sua literatura com os matizes coloridos do celulóide, Chico Buarque já havia passado por esses e outros tantos papéis na tela grande. Desde *Garota de Ipanema*, de 1967, dirigido por Leon Hirszman, o artista serviu tanto a manifestos cinematográficos como a libelos marginais assumidos, passando por trabalhos de novos realizadores.

Chico compôs para filmes de bastidores curiosíssimos, como *A noiva da cidade*, que o crítico de cinema Alex Viány dirigiu na década de 70 se valendo de um roteiro que tinha participação do pioneiro do cinema nacional Humberto Mauro, realizador de *Brasa dormida* em 1928. Igualmente peculiar é o caso de *Cleo e Daniel*, de 1970, com músicas de Chico, único filme dirigido pelo escritor Roberto Freire, a partir de seu romance homônimo.

Suas trilhas às vezes se tornam emblemas dos filmes em que figuram. Não há como imaginar obras-primas como *Eu te amo*, "uma love story político-existencial-tropicalista", de Arnaldo Jabor, produzida em 1981, sem os versos de Chico. Frases como "ah, se já perdemos a noção da hora/ se juntos já jogamos tudo fora" embalarão o jogo sensual entre Paulo César Peró e Sonia Braga, fotografados por um inspirado Murilo Salles. O mesmo vale para o idílico Rio de Janeiro que Hugo Carvana retratou em *Vai trabalhar, vagabundo!*, nos anos 70. Não haveria autenticidade nele se faltasse a sua malandragem a gíngua sambista de Chico.

E Carvana foi suficientemente humilde para perceber a importância orgânica dos versos do compositor para o seu longa: descolou para ele uma participação como Julinho da Adelaide na seqüência das aventuras do sabujo Secundino. Chico é ator em *Vai trabalhar, vagabundo 2*, de 1991, um dos raros filmes nacionais que sobreviveu à degola do governo Collor, responsável pela dissolução da Embrafilme.

Calcado no carisma e na *persona* que música e mídia ajudaram que criasse para si, Chico não é um ator dos melhores. Caetano Veloso, que reina majestoso como Lamartine Babo em *Tabu*, de 1982, de Júlio

Cena de
*Quando o
carneval
chegar*, de
Hugo Carvana

Eventos
festejam
a data

A cidade aos poucos se move e já começa a programar eventos que pegam carona nos 60 anos de Chico. Na Biblioteca Nacional, ficará em cartaz, a partir do mês que vem, a mostra *Chico Buarque: o tempo e o artista*, sob curadoria de Zeca Buarque, sobrinho do músico. Dividida por temas, com fotos, música, livros e painéis, a exposição começa em um ambiente que reproduz o escritório de Sérgio Buarque de Holanda e a infância de Chico em São Paulo e passa pelas influências musicais do artista, que pode-

Um cinema
de trilhas
e histórias

Antes os filmes bebiam de sua música.
Agora cineastas vão atrás de seus livros



A versão da 'Ópera do malandro' para o cinema; no alto, Cléo Pires, no recente 'Benjamim'

Bressane, está léguas à frente dele. Mas comprometer, Chico não compromete — como comprova sua rápida e engraçada participação em *Ed Mort*, de 1997, de Alain Fresnot, onde encarna Silva, o homem procurado pelo abilado detetive criado por Luis Fernando Verissimo. Chico também soube adicionar um charme inesperado a *O mandarim*, de 1995, de Bressane. Escalado para viver Noel Rosa, corteja Giulia Gam, na cinebiografia do dândi Mário Reis.

Mas diretor algum soube tão bem aproveitar as feições de Chico em cena quanto Cacá Diegues, em *Quando o carnaval chegar*. Lançada em 1972, esta comédia musical embalada por canção homônima (dele, claro) reuniu Chico a Maria Bethânia, a Nara Leão e a um grande elenco (Elke Maravilha, Scarlett Moon, outras e outros), na história de uma trupe de cantores do rádio que viaja pelo país cantando e dançando. Sete anos depois, seria a vez de Cacá empregar novamente os acordes de Chico, em *Bye-bye, Brasil*.

Sua ficção, recentemente, é que vem sendo o quindim para os cineastas nacionais. No fim dos anos 90, Ruy Guerra, seu parceiro no teatro, que já havia levado a *Ópera do malandro* para o cinema, em 1985, deu vida a *Estorvo*, com o cubano Jorge Perugorria como protagonista e

Bianca Byington como sua irmã. O filme chegou às telas em 2000. Antes disso, representou o Brasil no Festival de Cannes. Este ano foi a vez de Monique Gardenberg adaptar *Benjamim*, numa lírica versão da história do modelo fotográfico (Paulo José) que reencontra os diabos de um atormentado passado. Só falta agora *Budapeste* ganhar corpo no celulóide.

Como escritor, Chico colaborou ainda para transformar a peça *Pobre menina rica*, de Vinicius de Moraes e Carlos Lyra, no filme *Para viver um grande amor*, de 1984, de Miguel Faria Júnior, com Djevan e Patrícia Pillar. E viu sua dramaturgia infanto-juvenil *Os saltimbancos* render (mais) um sucesso a Renato Aragão e sua corte atrapalhada.

Nem o cinema-verdade se esqueceu de Chico. O argentino Mauricio Berú, um especialista em música popular, dirigiu entre 1978 e 1980 um documentário hoje raríssimo chamado *Certas palavras com Chico Buarque*, produzido por Thomaz J. Farkas. E, ainda em 2004, o compositor poderá ser visto falando sobre sua amizade com o fotógrafo mais premiado do *JB*, Evandro Teixeira, no longa *Instantâneos da realidade*, rodado por Paulo Fontenelle.

Rodrigo Fonseca é repórter e crítico de cinema do Caderno B

rão ser ouvidas debaixo de uma espécie de guarda-chuva sonoro, por três pessoas de cada vez. Noutra sala, o espectador terá contato com documentos e letras do período da Censura. Filmes como *Benjamim*, *Estorvo*, *Ópera do malandro* e *Os saltimbancos trapalhados* serão exibidos às quartas. Shows do Quarteto Maogani e de Teresa Cristina também estão programados.

Outro marco biográfico, o livro *Chico Buarque do Brasil*, recém-lançado pela Garamond, trata das canções, do teatro e da ficção do artista. Organizada pelo professor Rinaldo de Fernandes, a obra conta com textos de José Saramago, Antonio Candido, Affonso Romano de Sant'Anna e do crítico e colunista do *Caderno B* Tárk de Souza, entre outros, e já está disponível nas livrarias, a um preço médio de R\$ 50. Uma caixa de 12 CDs e dois DVDs, chamada *Francisco* e reunindo sua obra a partir de 1987, está sendo

lançada pela BMG. Tem trabalhos como *Paratodos*, *As cidades* e o rebuscado CD lançado em 1989, com músicas como *Morro Dois Irmãos* e *Valsa brasileira*.

Amanhã, o DJ Janot dedicará ao compositor um bloco do programa *Identidade brasileira*, que apresenta às 22h na rádio Globo FM. Na próxima sexta-feira, ele promete levar a festa para a *Brazooka*, na Casa da Matriz, em Botafogo. É Chico Buarque purinho, para dançar.

Também na sexta 18, a cantora Fafá de Belém dedica seu repertório ao compositor, no show *Com açúcar e com afeto*, em cartaz no Scala até sábado. Sábado, 19, às 13h, o canal por assinatura ESPN exibirá o especial inédito *O bom e velho Chico*, que aborda, é claro, o futebol. Entrevistas de arquivo, como Chico papando com Tostão, cenas do atleta em campo e conversas acerca de canções inspiradas pelo esporte são o enredo do programa. (Andréa Thompson)

60
PEDAÇOS DE MIMRUY FARIA
Cantor e compositor

■ Ruy integrou o MPB-4 por quase quatro décadas inteiras, saindo há poucos meses. Lembra com saudade os anos 60 e o início dos 70, quando Chico era considerado uma espécie de "quinto componente", pois quase sempre faziam shows e tocavam juntos. Tem dificuldade para escolher a canção mais bonita do colega: "Todas elas".

HERMÍNIO BELLO DE
CARVALHO
Compositor, poeta, produtor

■ A favorita: *Retrato em branco e preto*: "E posso confessar, sem pudor, que muitas canções me levam a lágrimas". O parceiro em *Chão de esmeraldas* diz que quase não tem relação pessoal com o artista: "Certa vez ensaiamos lá em casa a comissão da Mangureira. Percebi que Chico cochilava no sofá. Eu gostaria de ter tido a honra de acomodá-lo em minha cama, a mesma em que Pixinguinha e Elizeth Cardoso um dia já dormiram. Mas fiquei sem jeito. Isso é a maior prova de nossa falta de intimidade".

MONIQUE GARDENBERG
Cineasta, produtora cultural

■ A diretora de *Benjamim*, baseado no romance de Chico, revela o que o artista falou assim que soube de sua proposta: "Nunca imaginei uma mulher dirigindo este filme". Ela tem *Construção* entre as favoritas e daria de presente ao amigo um motorista particular. Por que Chico é unanimidade? "Porque é discreto, correto, carinhoso. Na medida".

HUGO CARVANA
Ator, cineasta

■ "Fui o cupido de Chico e Marieta, eu que a apresentei a ele", afirma Carvana, diretor do filme *Vai trabalhar, vagabundo*, com trilha de Chico. É fã de músicas como *Construção* e *Olê, olê*. São amigos de longa data: "Bebemos uma história bem razoável de uísque nestes 40 anos". Quanto ao presente de aniversário, Carvana é mais enfático que os outros entrevistados: "Presente que eu daria, não. Que eu darei. Vou dar um beijo nele".

FELIPE TABORDA
Designer, produtor cultural

■ Organizou, em 1999, no Paço, uma exposição em que artistas plásticos mostravam sua visão sobre a obra de Chico, dentro do projeto *A imagem do som*. "Chico não tem nada de tímido, é apenas reservado, no que faz muito bem", diz Felipe. Tão "na dele", Chico nem foi à mostra, ao contrário do que fizera, por exemplo, Caetano e Gil, quando foram homenageados no mesmo projeto. Felipe lembra que uma das obras de maior impacto foi a peça de louça de Barrão para a canção *Maninha*.

Antônio Gonzales, 1970



Chico, ao lado do MPB-4, com seus músicos, ensaiando no início da década de 70

Chico Buarque e as raízes do Brasil

Em questão, a falta de contato entre o cantor e o povo

PAULO CESAR DE ARAÚJO

Chico Buarque não é e nem nunca foi unanimidade nacional – ao contrário do que disse Millôr Fernandes nos anos 60, e muitos repetem até hoje. Naquela época, especialmente após o lançamento de *A banda*, no fim de 1966, ele de fato alcançou grande popularidade e tornou-se figura fácil em capas de revistas e programas de televisão. Suas canções ganhavam elogios de personalidades que iam do crítico comunista José Ramos Tinhorão ao dramaturgo reacionário Nelson Rodrigues, todos saudando Chico como uma espécie de novo Noel Rosa. Mas, talvez por isso mesmo, e porque sua música não sintonizava com as novidades estéticas do que viria a ser chamado de Tropicália, Chico sofria críticas de setores de vanguarda, que tinham no poeta concretista Augusto de Campos um dos principais porta-vozes. Desafiando o coro dos contentes com a *A banda*, Augusto de Campos preferia exaltar a canção *Um dia*, do mesmo festival, do ainda pouco conhecido Caetano Veloso. E, ao vislumbrar novos rumos para a MPB no festival de 1967, ele dizia que o sucesso da marchinha *A banda*, no ano anterior, “pode ter servido para tonificar, momentaneamente, a abalada popularidade da nossa música”. E completava: “Mas eu já adivinhava que a solução não poderia ser voltar para trás”.

Defensor das conquistas da bossa nova e do avanço experimental de novos sons e novas letras para a MPB, Augusto de Campos identificava na obra de Chico (e na “chicolatria” em torno dele) um estorvo a este projeto. Tendo como referência os primeiros discos do artista – em que predominam marchinhas e sambas à moda de Noel Rosa –, o poeta dizia que era “impossível fazer o novo com o velho” e que “na sua indecisão entre Noel e João Gilberto, Chico pagou tributo à redundância”. Para Campos, o fato de Chico ter sido rapidamente incensado pelos puristas do samba indicava que eles pretendiam fazer dele “o último baluarte contra a evolução da música popular”. Não por acaso, no auge desta polêmica, já com a eclosão do Tropicalismo, o compositor Tom Zé disse numa entrevista que Chico deveria ser respeitado pois era “nosso avô” – mais um episódio

que desmente a suposta unanimidade do cantor.

Imerso na roda-viva de shows, discos e festivais, Chico viu-se precocemente identificado ao incômodo grupo dos chamados quadrados, antigos. E isso, nos juvenis anos 60, era quase uma sentença de morte artística. “Nem toda loucura é genial, nem toda lucidez é velha”, defendeu-se num artigo de jornal, em 1968. Mas sua resposta mais convincente só viria mesmo pouco mais tarde, quando já estava retornando do auto-exílio na Itália. O LP *Chico Buarque de Hollanda volume 4*, lançado em 1970, trazia o artista um pouco diferente. Aquela temática samba-morena-barraco e a poética linear e discursiva dos primeiros discos cederam espaço a uma diversificação de forma e conteúdo, que se expressaria em canções como *Rosa dos ventos* e *Agora falando sério*. Mudança que se acentuou no disco seguinte, com *Deus lhe pague* e *Construção*, faixa-título de letra concretista, com arranjo do maestro tropicalista Rogério Duprat. A partir daí o impasse entre Chico e os vanguardistas pareceu resolvido – e a celebração se deu no histórico show com Caetano Veloso, na Bahia, em 1972. Colocando panos quentes de vez, o próprio Augusto de Campos reconheceu, na época, que a obra de Chico havia evoluído “no sentido da inventividade”.

Chico Buarque tornou-se então unanimidade nacional? Não. Até porque, com a radicalização política do país no pós-AI-5, mais do que burra esta unanimidade seria impossível. Antes, ele até recebera afagos do então marechal-presidente Costa e Silva; mas agora, erguido como símbolo de resistência à ditadura – “o nosso Errol Flynn”, no dizer do cineasta Glauber Rocha –, o próprio Chico metaforizava o veto ao seu nome com os versos “você não gosta de mim/ mas sua filha gosta”. A imagem apolítica, apolítica e de bom-moço do cantor ficara definitivamente para trás. Mas o que também o distanciava de uma possível uni-

nidade era a falta do respaldo popular de antes. Depois que a banda passou, Chico foi-se tornando cada vez mais um artista restrito ao público de elite, segmento que a indústria cultural classifica como A e B. Onde a imprecisão de considerá-lo “unanimidade nacional” – a não ser que se confunda, como costuma acontecer, a Zona Sul com o Brasil, a elite com o povo, o particular com o universal.

Depois de superado seu impasse com os tropicalistas, talvez fosse melhor relacionar Chico a uma possível “unanimidade intelectual”. Chico Buarque é o artista que hoje une as elites intelectuais brasileiras. E isto nenhum outro cantor ou compositor popular conseguiu fazer. Nem mesmo Tom Jobim conseguiu. Ele, durante toda a carreira, sofreu duras críticas dos ideólogos do samba tradicional, que o acusavam de fazer uma música americanizada, distante das autênticas fontes populares. Restrições assim também foram direcionadas a Caetano Veloso e, de forma bem mais acentuada, ao trabalho de Roberto Carlos. A Chico Buarque, não, porque, mesmo se “modernizando”, ele sempre esteve identificado à linhagem do samba, ritmo que, aliás, nunca faltou nos seus discos.

Reflexo do dilema de uma elite em busca de sua identidade nacional, esta tensão entre “modernidade” e “tradição” ocupa o centro do debate da música brasileira desde a eclosão da bossa nova, no fim dos anos 50, quando efetivamente o tema “canção popular” começou a ser objeto de análise por parte da intelectualidade. A partir daí é possível detectar o principal parâmetro de julgamento estético de uma obra musical no Brasil. Ei-lo: para ser bem qualificada pela crítica ou aceita pelo público intelectual, esta obra precisa estar obrigatoriamente identificada ao que se considera “tradição” (folclore, samba de raiz, samba de morro) ou então ao que se considera “modernidade” (influências de vanguardas literárias ou musicais, como o jazz, a bossa nova, o rock inglês). Fora

desse receituário, não há salvação.

Por que é atribuído grande valor cultural ao repertório de artistas como Nelson Sargento ou Lenine? Porque o primeiro está identificado ao samba de raiz, à negritude, ao Rio de Janeiro. E, o segundo, à modernidade, às influências da bossa nova e do Tropicalismo. O mesmo não acontece, nunca aconteceu, com o repertório de cantores populares, desde Anísio Silva e Orlando Dias até Nelson Ned e Paulo Sérgio, todos considerados bregas, ruins, justamente porque não conseguem ser identificados nem à tradição, nem à modernidade. Assim como a produção de Waldik Soriano, Agnaldo Timóteo e Odair José: nem a uma coisa, nem à outra. Já nomes de também grande popularidade entre as classes menos favorecidas, como Martinho da Vila e Zeca Pagodinho, são valorizados porque associados à “tradição”; ocorrendo algo semelhante com Milton Nascimento e Djavan, porque identificados à “modernidade”.

Pairando acima de todos, Chico consegue uma aprovação unânime das elites culturais exatamente porque agrada tanto aos adeptos do samba tradicional, como aos defensores da chamada linha evolutiva da MPB. E isto explica, por exemplo, o resultado de uma pesquisa que a revista *IstoÉ* realizou com seus leitores em 1999, para a escolha do “músico brasileiro do século 20”. De uma lista de 30 nomes apresentados para a eleição – Chico, Tom Jobim, Pixinguinha, Caetano Veloso e Roberto Carlos, entre outros –, o público leitor da revista, que possui um perfil de classe média e nível universitário, escolheu exatamente ele, Chico Buarque, eleito por 76,48% dos votos.

Constata-se, entretanto, que o artista eleito “o músico brasileiro do século” chega aos 60 anos de idade e 40 de carreira sem que sua obra tenha conquistado uma projeção internacional – como a de um Tom Jobim –, nem um alcance nacional – como a de um Roberto Carlos. Hoje, os discos e canções de Chico são para consumo e deleite majoritariamente do público de classe média alta, da Zona Sul carioca ou de áreas nobres das grandes metrópoles do país. Ele é, neste sentido, um artista basicamente local, e restrito a sua classe social. Não há muita comunicabilidade entre Chico Buarque e as raízes do Brasil, aquele Brasil mais profundo, mais pobre, maior. O que é uma pena, para este mesmo Brasil, que fica, assim, privado de desfrutar canções como *Todo o sentimento*, *Eu te amo*, *Morro Dois Irmãos*, *Futuros amantes*, *Beatriz* e várias outras – que nós, os privilegiados, tão bem conhecemos.

Paulo Cesar de Araújo é jornalista, historiador, mestre em Memória Social, professor da rede pública estadual e autor dos livros *‘O sorriso da cidade’* (com vários) e *‘Eu não sou cachorro, não: música popular cafona e ditadura militar’*



1966 A banda, A Rita e Tem mais samba. Fase lírica.



1966 A trilha da peça de João Cabral de Melo Neto.



1967 Tem Noite dos mascarados e Quem te viu, quem te vê.



1968 Uma capa estranha para o LP de Carolina, O velho e Ela desatinou.



1969 Preciosidade, um disco-coletânea produzido na Itália.



1970 Outro projeto italiano, este com arranjos do maestro Enio Morricone.



1970 Virada estética com Rosa dos ventos e Agora falando sério.



1971 LP político por excelência. Samba de Orly, Cordão, Deus lhe pague e outras.



1972 Trilha do filme de Cacá, com Bethânia e Nara.



1972 A volta do convívio com Caetano. Tem Bom conselho e Bárbara.



1973 A capa mais conhecida do LP da trilha de Calabar.



1974 Só com canções de outros, ou sob pseudônimo.



1975 Duos com Bethânia em Olé, olé e Sonho impossível.



1976 LP com O que será, Passaredo e Mulheres de Atenas.



1977 LP infantil, com Bicharia, O jumento e A galinha.



1977 Parceria com Paulo Pontes. Bibi Ferreira canta.



1978 Letras enfim liberadas: Cálice, Apesar de você etc.



1979 Álbum duplo com as músicas da peça de teatro.



1980 Tem Morena de Angola, Eu te amo e Bastidores.



1981 LP de O meu guri, As vitrines e Almanaque.

Chico Buarque e a imagem do artista

Como se deu a construção de um símbolo nacional

LULA BRANCO MARTINS

A maior construção que Chico Buarque ergueu em sua carreira talvez não seja sua canção cheia de proparoxítonas. A principal obra pode ter sido a sua imagem, lapidada tijolo por tijolo desde os anos 60. Imagem que reflete de um lado o artista mártir da ditadura, e de outro, o cidadão íntegro e coerente. Zeloso deste capital simbólico, Chico não lhe permite arranhões, revolta-se ao se sentir injustamente acusado, recorre à Lei quando é o caso.

Sua preocupação com o que sai publicado a seu respeito é, por isso mesmo, muito grande. Em 1975, por exemplo, o *Pasquim* resolveu transformar em livro um conjunto de entrevistas dadas ao jornal, a partir de 1969, por artistas da música popular, como Bethânia, Tom, Roberto, entre outros. Ao saber que sua entrevista, publicada em 1970, também estaria incluída, Chico bronqueou. “De jeito nenhum. Aquilo está completamente desatualizado”. Explica-se. Chico, provavelmente, não quis que repercutisse mais uma vez o que havia falado na época sobre os então exilados Caetano e Gil. Dizia na entrevista, por exemplo, que depois da polêmica com o Tropicalismo perdera a amizade dos dois e que não gostou da gravação que Caetano fez de *Carolina*, pois o violão estava mal tocado. Chico só toparia entrar no

livro do *Pasquim* se fosse feita uma nova entrevista. O jornal aceitou as condições e ele interrompeu os ensaios da peça *Gota d'água* para gravar o depoimento. O jornalista Jaguar, editor do livro *O som do Pasquim*, falou esta semana ao *JB* sobre o episódio. Acredita que Chico estava certo em sua atitude: “O que a gente pensa numa semana pode não ser o que pensa na semana seguinte”. Então que sentido teria um livro retrospectivo? E se os outros 12 artistas também tivessem pedido para ser entrevistados de novo? “Ainda bem que foi só o Chico”, suspira Jaguar.

Esta preocupação de Chico com os enteveros que na época havia entre ele e os tropicalistas rendeu recentemente outra intervenção do artista. Em 2002, o livro *Eu não sou cachorro, não*, de Paulo Cesar de Araújo, reproduzia uma suposta entrevista de Chico ao jornal *Última Hora-SP*, também de 1970 (assinada por Carlos Alberto Gouvea), e na qual ele fazia críticas ainda mais duras a Caetano e Gil. Ao saber do teor do livro, Chico escreveu um desmentido público afirmando que jamais dera aquela entrevista e que, portanto, o livro trazia uma matéria fictícia.

Além da intervenção do próprio Chico, parece existir uma tendência, entre os formadores de opinião, de também preservá-lo. A memória que vem sendo construída lhe é francamente favorável e episódios que pode-

riam sob certos aspectos manchar a sua imagem são esquecidos. No começo dos anos 70, houve um embate duro, e público, entre Chico e o dramaturgo Nelson Rodrigues. Chico, numa entrevista à *Veja*, deu a entender que não gostava de vê-lo no rol de seus fãs – afinal, Nelson era considerado reacionário. O escritor revidou em crônica no *Globo*: “A revista foi perversa, pois intimou Chico a ser profundo. E ela sabia que a profundidade do entrevistado é dessas que uma formiguinha atravessa a pé, com água pelas canelas”. É interessante notar que, na biografia mais completa de Nelson (*O anjo pornográfico*, de Ruy Castro), há referências a quase todas as picuinhas envolvendo o dramaturgo – com Niemeyer, Dom Helder e Drummond, por exemplo. Mas aquele bate-boca com Chico não é nem citado. O *JB* conversou com Castro. Ele sabia do caso. “Mas não quis pôr no livro”, diz, simplesmente.

Um outro exemplo de esquecimento comum refere-se à fase de Chico como garoto-propaganda. O artista, hoje, costuma dizer, às vezes com orgulho, que não empresta letras para publicidade. Nos anos 60 – certo que ainda jovem demais –, fazia propaganda do Mug, um bonequinho sem pernas e vestido à moda escocesa, que foi uma febre na época. Ao Mug, espécie de amuleto, eram atribuídos poderes de sorte e lá estava Chico nos programas de televisão cantando suas músicas de

Mug na mão. Outros cantores, como Simonal, também foram contratados pelo publicitário Horácio Berlinck, e deixavam-se fotografar, no palco, segurando o boneco. Este marketing agressivo ajudou a vender milhares de Mugs. Ele até ganhou de Chico uma citação no texto de capa de seu primeiro LP, em 1966.

No tempo da repressão, o próprio Chico tomou atitudes que certamente ajudaram a moldar uma imagem de artista perseguido pelo regime – e o fez, por exemplo, reforçando suas constantes batalhas com a Censura. Alguns episódios ilustram isto. Em 1971, ele compôs (em parceria com Carlos Lyra) uma música chamada *Essa passou*, título que não tem nada a ver com a letra, mas era uma forma de denunciar e propagar que ele era uma constante vítima da censura.

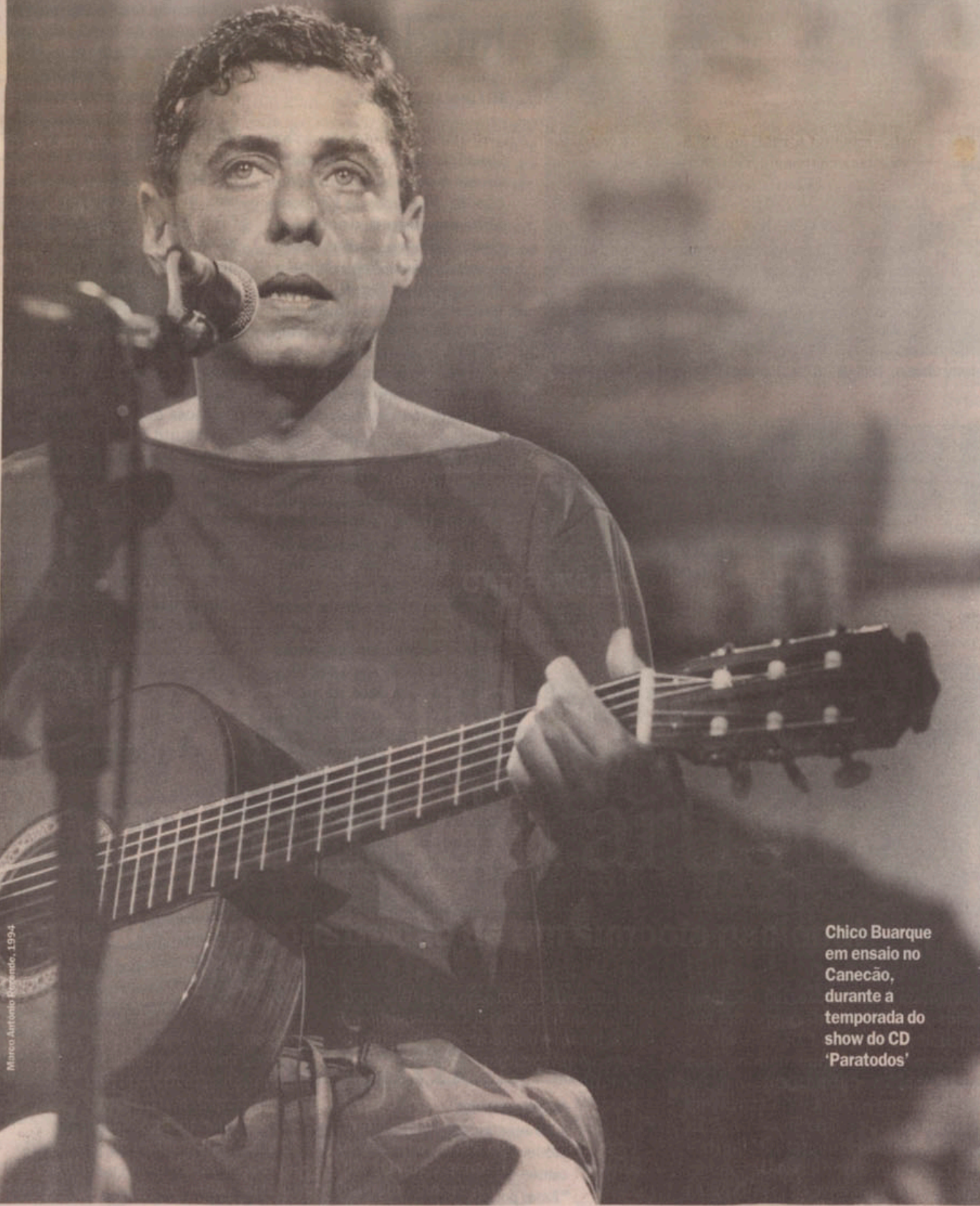
Outro caso emblemático envolve a proibição da capa do LP com as músicas da peça *Calabar*, em 1973. A capa dupla do disco, que trazia o nome do espetáculo pichado num muro, foi proibida, pois os censores enxergaram um significado subversivo. Chico reagiu lançando o mesmo disco com capa totalmente branca e sem título. O seu *Álbum branco*, digamos assim. Manteve, entretanto, a ficha técnica da capa anterior, com os nomes dos fotógrafos (eram três), evidenciando, assim, mais uma vez, a ação da Censura. O curioso é que esta capa também acabou sendo recolhida, mas não por ordem da repressão. A decisão foi da própria gravadora. É que o disco simplesmente não vendeu, e o departamento comercial da Philips identificou na capa branca a causa do fracasso comercial. Semanas depois, o LP foi relançado com nova capa, mais simples, mais normal, apenas com uma foto do artista, de perfil, com o título *Chico canta*.

Ressalte-se que, em todos esses episódios, ao mesmo tempo em que denunciava a ação da Censura, Chico reforçava sua imagem de combatente e de vítima do arbítrio. A rigor, qualquer artista censurado da época (como Gonzaguinha ou Tanguara) poderia ter feito *Essa passou* ou mesmo ter lançado uma capa branca após a proibição da capa original (caso de Caetano Veloso, que teve a capa do LP *Jóia* vetada em 1975), mas quem o fazia de forma sistemática era Chico.

Outro traço que aos poucos foi sendo fixado no imaginário coletivo é o do Chico exilado. A expressão mais correta deveria ser “auto-exílio”, pois a ida dele para a Europa, em 1969, não se deveu, como alguns podem pensar, à impossibilidade de condições de trabalho no Brasil: até aquele momento, Chico não era visado pela Censura. Havia lançado três discos, 36 faixas, e teve apenas uma canção vetada, *Tamandaré*, brincadeira com o almirante que estampava a nota de 1 cruzeiro. Chico saiu do país porque quis, no início de 1969, para participar de uma feira internacional de música, na França. Havia ainda a idéia de aproveitar o sucesso que *A banda* fazia na Itália e engatar uma carreira por lá. Ele voltaria um ano e meio depois, também quando quis. Não se tem registro de cadeia em sua trajetória. Pode-se afirmar, neste particular, que durante todo o regime militar Chico foi intimado a comparecer em delegacias, viu-se tirado de casa com frequência e prestou depoimentos sobre peças e músicas. Sofreu, evidentemente. Não esteve, no entanto, atrás das grades noites a fio, como aconteceu aos colegas Caetano e Gil – forçados a deixar o país, não sem antes terem as cabeças raspadas, e passaram por simulações de fuzilamento na prisão. No entanto, nenhum dos dois ficou tão marcado como vítima do regime quanto Chico Buarque.

Em 1992, foram abertos à consulta pública os documentos do Departamento da Ordem Política e Social, o Dops. A ficha de Chico, sem foto, era a de número 6.601 e só reunia “amenidades”, como ele próprio observou na época. Dela não constavam prisões nem interrogatórios. O *JB* foi entrevistar o artista sobre o assunto, em sua casa.

IMAGEM CONTINUA NA PÁGINA B12, no fecho do especial 'Chico Buarque 60'



Chico Buarque em ensaio no Canecão, durante a temporada do show do CD 'Paratodos'



2002 Só duos, como *Façamos*, com Elza Soares.



2001 Musical, com Edu Lobo, Gal, Zizi e Lenine cantam.



1999 As músicas do disco anterior e outras, ao vivo.



1998 Chico na capa em quatro raças. Tem *Iracema voou*, *Carioca e Injuriado*.



1997 Homenagem a Mangueira. Ele seria enredo em 1998.



1995 Um disco com canções antigas, meio que um tributo aos próprios músicos.



1993 Tem *Futuros amantes*, *Paratodos* e *De volta ao samba*.



1990 Um projeto gravado ao vivo, em Paris, recheado de antigas canções.



1989 Disco de *O futebol*, *Morro Dois Irmãos* e *Baticum*.



1988 Mais uma partitura para o *Balé Guaíra*, de novo com Edu Lobo.



1987 A política fica no passado. LP de *Todo o sentimento*.



1981 Versão de *Saltimbancos*, para filme dos Trapalhões.



1982 O 'disco do pão', uma coletânea toda em espanhol.



1983 *Para viver um grande amor*, do filme de Miguel Faria Jr..



1983 Trilha para o *Balé Guaíra*, com Edu Lobo. Tem *Beatriz*.



1984 Disco com *Vai passar*, *Pelas tabelas* e *Beijo da Cruz*.



1985 Mais uma trilha de peça, feita com Edu Lobo.



1985 As canções da versão da *Ópera* para o cinema.



1986 Disco irmão do anterior, mas com outras vozes.



1986 O disco do programa com Caetano na Globo.

A família sem nhenhêném

E a musiquinha feita para os 60 anos de Sérgio Buarque, que hoje se aplica a Chico

ANDRÉA THOMPSON
ESPECIAL PARA O JB

Avessa a formalidades, a família Buarque de Hollanda, recentemente cinebiografada em *Raízes do Brasil*, se reúne quando dá, se telefona quando pode e se presenteia quando lembra. "Não tem muito nhenhêném", conta a atriz Sílvia Buarque, de 35 anos, filha mais velha de Chico e da atriz Marieta Severo. Além dos queijos e dos vinhos, um apetite quase genético entre o clã, sobressai na família outro traço comum: a aptidão em narrar histórias. Muitas delas desmistificam a timidez de Chico. Outras são contadas quando se reviram as gavetas da "antiga cômoda de velhas magias", parte de uma infância regada a muito Vinicius de Moraes - o poeta era freqüentador assíduo da residência de Maria Amélia e do historiador Sérgio Buarque de Hollanda, pais de Chico, das cantoras Cristina e Miúcha, da diretora musical da Funarte, Ana de Hollanda, e de mais três filhos.

"Quando Vinicius chegava, podíamos dormir mais tarde. Ouvíamos Noel Rosa, Ismael Silva, Ataulfo Alves e fazíamos concursos de quem conhecia mais marchinhas de carnaval", lembra Miúcha. As vitórias consecutivas deram a Chico o gabarito para passar adiante o gênero musical, mas em forma de canção de ninar skindô-lelé, como lembra a filha Luísa: "Meu pai não ouvia música em casa, nem cantava muito, a não ser quando nos colocava para dormir, quando cantava umas marchinhas. Parece incrível, né?", diz a caçula, 28 anos, integrante da Intrépida Trupe. A música era o ponto de encontro de Chico com as irmãs - apesar de o violão ter sido, muitas vezes, alvo de discórdia. "Eu tinha o meu próprio violão, que guardava a sete chaves, e Ana tinha o dela, um horroroso, chamado Catupiry, com uma borda vermelha e sem verniz. Mas o Chico pegava emprestado de todo mundo", conta Miúcha, a mais velha da trupe, responsável por orquestrar a turminha à moda do Quarteto em Cy. Ana revela que, se à irmã mais velha cabia o papel de maestrina, era o irmão

quem dava as cartas nas brincadeiras, muitas vezes demonstrando imaginação fértil além da conta, para um menino de 12 anos: "Chico era um líder. Ele montava operetas em que fazia o papel de rei. Brincava de imperialista, dominando países imaginários. Passava trotes com histórias incríveis, e que iam crescendo cada vez mais. Chegava a bancar o urbanista, desenhando mapas de cidades em papel de pão", declara a irmã. Na juventude, Chico entraria para a faculdade de arquitetura e, para desgosto da mãe, deixaria o curso no meio do caminho.

O temperamento efusivo também é lembrado pelas irmãs. Com a alcunha de "o carioca", designada pela mãe, Chico era menino travesso, sempre levava bronca, entrava em casa gritando e de acanhado não tinha nada. "Chico tímido? Pelo contrário. Era muito aprontador e brincalhão. Hoje ele é reservado, que é uma coisa diferente", observa Ana. Miúcha tenta explicar: "Esse negócio de fazer sucesso desde garoto deve tê-lo deixado mais retraído". Se Chico é ou não tímido, há controvérsias, mas a placidez do artista é comprovada pelas filhas Sílvia e Luísa,

que revelam o estilo sossegado do pai: "Ele nunca foi aquele pai do tipo ativo, de iniciativas, mas sempre foi muito afetuoso e até hoje se ajeita para as minhas estreias. Verdade que, em casa, era sempre a minha mãe quem mandava. Os dois eram muito liberais, tanto na nossa infância como na adolescência", conta Sílvia. "Meu pai não ia muito às apresentações e reuniões da escola, mas era normal em casa e me estimulou em tudo. Agora nos encontramos muito em função da Lia (filha de Luísa com o acrobata Claudio Baltar), que sempre pede para ver o avô", diz a caçula.

Chico é chamado de "Voico" pela neta e almoça quase todo domingo com Marieta e filhas. O encontro é mais certo ainda quando Helena, a filha do meio, de 33 anos, casada com o cantor e compositor Carlinhos Brown, vem para o Rio, com os filhos Francisco e Clara, para deleite do avô: "Ele é mesmo um vô bacana. Tem até um certo código com as crianças. Mas às vezes inventa umas historinhas tão complicadas que elas não entendem. Para gente, na nossa época, ele fazia uns truques bobos, que sempre descobríamos", relembra Sílvia. Chegando aos 60, Chico ainda tem demonstrado fôlego de sobra, não apenas para as habituais caminhadas pelo Leblon, mas para trilhas com a filha Luísa. Ela conta: "Meu pai anda bem, mesmo agora, mais velho. Geralmente escolho umas trilhas que não exigem muito, mas posso dizer que já fizemos percursos bem pesados".

No dia de seu aniversário, sábado que vem, Chico estará com parte da família em Paris, na França. Os festejos pelos 60 anos do integrante mais famoso dos Buarque de Hollanda fazem, por exemplo, Miúcha se lembrar de uma cançãozinha que os irmãos fizeram em conjunto, ainda adolescentes, para homenagear o chefe do clã, Sérgio Buarque. Ele fazia justamente 60 anos. Chamava-se *Salve o novo sessentão* e era mais ou menos assim: "Salve o novo sessentão/ que ainda vai ser quatrocentão/ mas chamar de velho, isso é demais/ ele até que ainda tem panca de rapaz/ gosta de uísque, de bom papo, de fofoca/ dança tuíste com qualquer velha coroca/ mas chamar de velho, isso é demais". Quem diria, os versos aplicam-se, agora, a Chico.



Sérgio Buarque, 1993

A idade chega, mas ainda há disposição para a habitual pelada



Arquivo JB, 1974

Chico entre as filhas Sílvia e Helena, em Roma, na Itália

Autógrafo para uma 'mandona'

CLEUSA MARIA

Houve um tempo em que nossos ídolos - ou melhor, nossos entrevistados - não raro estavam ao alcance de nossas mãos. Nos primórdios do fenômeno "assessor de imprensa", não era de todo impossível que Dedé atendessem o telefone e colocassem o então marido Caetano Veloso do outro lado da linha (mas, claro só depois das três da tarde). Nem era tão improvável que Tom Jobim recebesse uma ligação às nove da manhã e ainda convidasse para um café, adoçado com mel e piano, em sua casa no alto do Jardim Botânico.

Com Chico, não. Sempre foi difícil, arredo. É verdade que, naquele tempo, ainda não entrava mudo e saía calado, como tem feito ultimamente, mesmo nos lança-

mentos de seus livros. Ele falava pouco, mas falava.

Em 1985, Chico estava em ebulição artística: viajando, fazendo shows, preparando peças. Acabou concordando que a repórter o acompanhasse uma semana inteira, incluindo uma viagem a São Paulo. Lá, depois de um jogo de seu time, o Polytheama, pude visitar o vestiário com um fotógrafo. Chico tomava uma chuva de short, é bom dizer.

Nos anos seguintes haveria outros encontros, outras entrevistas. Lembro, por exemplo, das garrafas de vinho tinto que ele mesmo carregava para saborear no estúdio da PolyGram, na Barra, enquanto ensaiava e reensaiava a estrofe "eis o malandro na praça outra vez/ caminhando na ponta dos pés". Lá pelas tantas, a fome chegou e fui encarregada de escoltar o tímido Chico até um restaurante italiano, onde compramos uma provisão de pizza para músicos e técnicos. Desconfio que foi num destes dias que, pegando uma carona com o entrevistado, e insistindo em uma pergunta, levei um puxão de orelhas. Chico reclamou: "Você é muito mandona". Mas não deve ter ficado muito bravo, pois ao fim da cobertura acabei ganhando um autógrafo.

Um bilhete carinhoso à repórter

Cleusa Maria é editora da revista Domingo e colunista do JB

Letra para uma mãe lutadora

HILDEGARD ANGEL

Foram as meninas do Quarteto em Cy que me mandaram o tape com sua gravação de *Angélica*, de Chico e Milton. Escutei e chorei, e chorei de novo, muitas vezes e muitos dias. Achei bonito demais. Zuzu Angel, minha mãe, havia morrido num acidente de carro, em 1976. *Angélica* é do ano seguinte.

A história do fundo do mar era mesmo verdade. O corpo do meu irmão, Stuart Angel Jones, segundo relatos da época, foi atirado no mar, como era habitual naqueles assassinatos com tortura ocorridos na Base Aérea do Galeão. Lembro-me de Herivelto Martins, que além de um compositor maravilhoso era pai-de-santo e, uma vez, mandou-me o recado: queria falar comigo sobre meu irmão desaparecido. Fui até a casa dele, na Urca. Ele me recebeu de branco, num quarto escuro, velas. Estava em transe espiritual, e me disse que meu irmão estava no fundo do mar. Fiquei muito mexida com aquilo. Pois eu tinha esperança de reencontrar Tuti.

Eu ouvia a música de Chico, lembrava-me das palavras de Herivelto, e chorava, chorava. Depois, muitos anos depois, achei uma poesia feita por

meu irmão na adolescência, em que ele parafraseava Caymmi, dizendo que devia ser "doce morrer no mar".

Chico foi um intérprete do sentimento de todos nós, naquela época. Cantava o sofrimento, a crítica, a esperança da forra. Em sua loja de moda, no Leblon, mamãe tocava Chico o tempo todo. "Quem foi, quem foi/ que falou do boi voador/ manda prender esse boi/ seja esse boi o que for", ela adorava essa. Era como se, de alguma forma, aquelas músicas, aquelas palavras, lhe lavassem a alma, lhe dessem um gostinho de vingança. Chico foi perseguido, censurado e maltratado pela ditadura. Não foi festivo, não fez de sua inspiração corajosa marketing pessoal. Dou muito valor a esta homenagem prestada por ele e pelo Milton, do MPB-4, outro grande da música e do pensamento brasileiro, ao sofrimento da minha mãe - e, por extensão, de todas as outras mães daquela época, que também lutaram para encontrar seus filhos.

Hildegard Angel é editora do Caderno H e colunista do JB

Angélica

(trechos)

Chico Buarque e Milton

Quem é essa mulher, que canta sempre esse estribillo? Só queria embalar meu filho, que mora na escuridão do mar

... Quem é essa mulher, que canta como dobra um sino? Queria cantar por meu menino, que ele já não pode mais cantar

DEZ COISAS DE QUE CHICO NÃO GOSTA

DE OUVIR MÚSICA

■ Uma revelação esquisita, mas está dita em entrevistas e livros sobre ele. Chico não gosta de ouvir música e justifica que, se a música for boa, vai distraí-lo do trabalho ou da conversa; e se a música for ruim, vai irritá-lo. Prefere não ouvir. Seu aparelho de som pode permanecer meses quebrado sem que lhe faça falta. Numa entrevista à revista *Bundas*, em 2000, ele falou justamente isso, com todas as letras: "Eu não gosto de ouvir música". Virou o título da matéria. Mas só quem não o conhece direito se espanta. Amigos e parentes sabem disso, há muito tempo.

DE BICHO

■ Muitos fãs de Chico, que o tiveram como um artista ecologicamente correto após ter feito a canção *Passaredo* (com o parceiro Francis Hime, em 1976), não gostaram do que leram no livro de Humberto Werneck sobre o artista, chamado *Chico Buarque: letra e música* e lançado em 1989. O escritor relata o que Chico até já havia falado na televisão: "Eu detesto bichos". Werneck conta que Chico certa vez saboreou, ao som de *Passaredo*, um nada ecológico assado de capivara numa casa especializada em caça.

DE RACISMO

■ Em 1997, o *Diário da Manhã*, de Goiânia, foi condenado a pagar indenização a Chico e Marieta. Havia publicado nota sobre seu neto, o recém-nascido filho de Carlinhos Brown e Helena. O texto, de Ton Alves, dizia que o bebê era "mulatinho", de "nariz chato e beiços largos". Alves é negro e já sofreu por preconceito na própria pele. Certa vez foi entrevistado uma deputada. Ela olhou rapidamente quem estava na porta e gritou algo como: "Alguém atende aí e separa o saco de roupa, que é o homem da lavanderia!"

DE DOM & RAVEL

■ No auge dos anos de chumbo, Chico perdeu a paciência com a dupla de cantores cearenses Dom & Ravel. "Esses porras são péssimos músicos, péssimos letristas, péssimos em caráter, péssimos em tudo... São primários", declaração esta constante do seu site. Dom é autor da marchinha *Eu te amo, meu Brasil*, gravada em 1970 pelo conjunto Os Incríveis, que foi sucesso em todo o país. A música era ufanista, o Brasil vivia sob uma ditadura e os irmãos eram identificados como aliados do regime militar.

DE FOFOCA

■ A revista *Manchete*, em 1997, publicou matéria sobre a separação de Chico e Marieta. Alex Solnik assinava o texto. E, para falar sobre os supostos pivôs da separação, ele nem afirmava que Chico "estaria namorando Fulana" ou "teria namorado Sicrana". Estava lá, afirmativo: "namorou" Fulana e Sicrana. A revista foi processada. Solnik é o mesmo repórter que, anos antes, foi entrevistado a modelo Doris Giese, para a *Interview* e, no meio do papo, transou com ela, fotografou tudo e publicou as cenas.

Por fim, a questão da beleza

Por que Chico Buarque é considerado tão bonito? Com a palavra, os especialistas no assunto

LULA BRANCO MARTINS
E ANDRÉA THOMPSON

Os olhos. Esta é a magia que pode estar por trás da decantada boniteza de Chico Buarque. O **JB** ouviu especialistas neste assunto - beleza - e a conclusão mais comum é que tudo começa no olhar. O maestro Tom Jobim o definia assim: "Chico tem olhos de gato selvagem, dos grandes gatos do mato, olhos glaucos, iluminados". O diretor de teatro José Celso Martinez Corrêa, no programa da peça *Roda viva*, comparava os olhos do parceiro de montagem a "dois ovos estrelados, sobre um bife de fígado cru". Seja lá o que for, isso deve ser uma coisa positiva.

Existe certa confusão no que diz respeito a cor dos olhos do artista. Em algumas fotos, eles parecem verdes. Noutras, azuis. Noutras, muito azuis - em algumas revistas, fica patente o cuidado especial para o tratamento fotográfico e a reforçada na

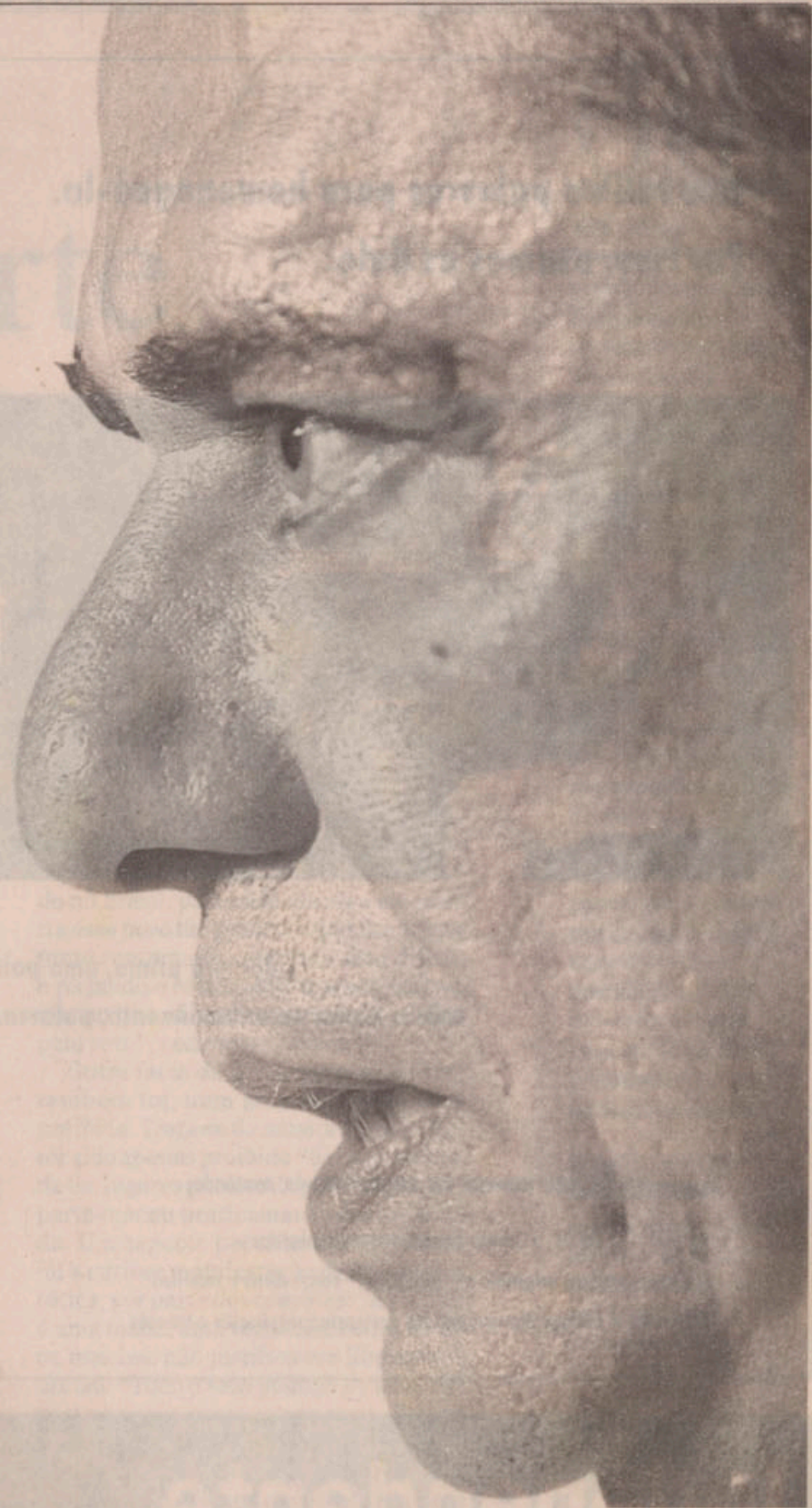
cor. Na ficha que a polícia elaborou quando Chico, na adolescência, puxou um automóvel, está escrito que seus olhos têm cor de ardósia, a pedra tão usada em decoração de ambientes.

O cirurgião plástico Carlos Fernando Gomes de Almeida observa que os olhos claros de Chico são um "atrativo a mais" num país latino, como o Brasil. Mas diz que não é possível julgar-se a beleza física, pura e simplesmente: "Cada pessoa é um pacote". Para Carlos Fernando, Chico é um homem "bonito, harmonicamente interessante e muito sensível". Até mais que isso: seus olhos azuis e sua verve poética e aura romântica lhe garantiriam a adjetivação de "quase um anjo sexual". A dermatologista Paula Bellotti é taxativa na sua opinião. Chico Buarque é bonito porque tem "cara de homem".

O cirurgião plástico mais renomado do país, Ivo Pitanguy, também falou ao **JB** sobre a beleza de Chico Buarque. Na entrevista, o médico teve acesso a duas dúzias de fotos, retiradas do arquivo do jornal, retratando várias fases da vida do artista. O menino quase imberbe, cara de bom-moço, que cantava *A banda* e que na época tornou-se o gênero mais desejado do país. O adulto politizado, com vasto bigode e pose de brigão, visual dos anos 70, época de uma bochecha saliente, entregando os quilinhos a mais. O homem maduro, que nos anos 80 e 90 voltou a se apresentar em público e fazer shows com mais frequência. E o senhor que, agora, ainda esguio, vai chegando próximo da terceira idade.

Remexendo nas fotos, analisando rosto e condição corporal de Chico, Pitanguy conclui sem pestanejar: "Ele está envelhecendo bem. Parece uma pessoa que está ok consigo mesma, em paz com a sua imagem". Mas não crava na questão sobre a cor dos olhos. "Não sei direito qual é. Ela pode variar de acordo com a luz. Mas é uma cor bonita, isso dá para garantir".

Assim como Pitanguy, Carlos Fernando Gomes de Almeida e Paula Bellotti também puderam observar algumas fotos de Chico. O **JB** propôs um teste a eles. Teriam que organizá-las em ordem cronológica. Todos acertaram - com exceção de uma foto, que costuma pregar peças mesmo em quem está acostumado a lidar com expressões faciais. É justamente a fotografia que ilustra a capa do disco lançado em 1989, que tem como primeira faixa *Morro Dois Irmãos*. Ali, todos concordam, Chico parece ter algo em torno de 35 anos, e não 45 - como de fato tinha. A foto, feita num estúdio de gravação, é de autoria de Antônio Augusto Fontes. Semana passada, ele falou ao **JB**. Lembra ter usado luz natural, sem rebatedor e filme tipo tri-x, preto-e-branco. Fotografava com uma Pentax. "A foto ficou boa porque Chico estava sossegado, relaxado", arrisca Antônio Augusto. "Acho que captei sua alma de criança", completa, informando ainda que Chico escolheu justo ele para fotografá-lo durante os ensaios no estúdio porque Antônio Augusto é "silencioso". Assim, meio que "desaparecia" do ambiente, deixando todos mais à vontade. A mansidão do artista é mesmo fato notório. Pitanguy parece encerrar o debate com uma frase lapidar: "Enquanto Chico não tiver rugas na alma, ele estará bem".



Marcos Vianna, 1998



Antônio Augusto Fontes, 1989

A foto que engana, capa do álbum que tem 'Morro Dois Irmãos' e 'O futebol'



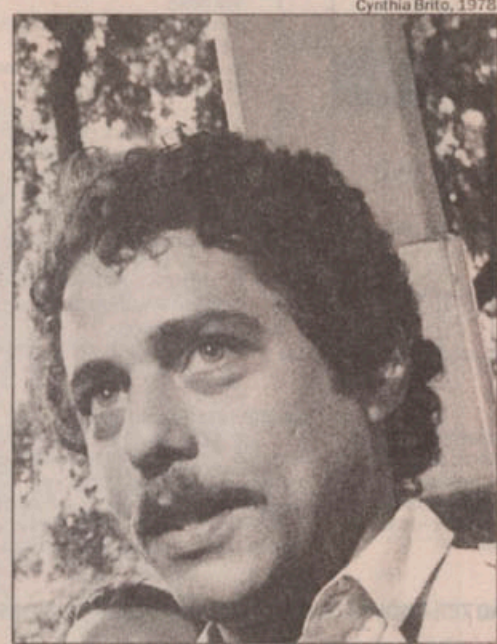
Fernando Pereira, 1985

Depois da pelada, em registro raro: forma física é mantida com futebol e caminhadas



Neilson Perez, 1999

Um sessentão magro, esbelto, caminhando no Leblon, bairro onde mora: Chico gosta de passear e de brincar com os netos, por enquanto três (dois de Helena, um de Luísa)



Cynthia Brito, 1978

O Chico em fase mais gordinha, bochechudo, no fim dos anos 70, aos trinta e poucos anos

DEZ COISAS DE QUE CHICO NÃO GOSTA

DE PAPAZZI

Antes de comprar o apartamento onde mora, já há alguns anos, desde que se separou de Marieta, no Alto Leblon, Chico fez questão de verificar, de um mirante próximo ao Morro Dois Irmãos, se havia ângulo possível para alguma foto indiscreta. O artista tem aversão, particularmente, a fotógrafos da revista *Caras*. Um deles confirmou ao **JB** que Chico nunca posou, nem abriu sua casa para *Caras*. "Mas já fizemos paparazzi dele em algumas situações, como na separação", conta o fotógrafo.

DE FALAR

Essa coisa de timidez era mais acentuada na juventude, agora ele está até mais solto. Em 1974, na *Veja*, Elis Regina relatava como conheceu Chico, nos anos 60: "Um amigo comum disse ao Chico para ir lá em casa e apresentar suas canções. Ele se sentou e começou a cantar. Ouvi, gostei. Mas, por mais de uma hora, ele não disse uma palavra. Eu senti um mal-estar incrível. Achei que não tinha ido com a minha cara". E ele foi embora. Na entrevista, Elis diz que se arrependeu e que foi "burra" por não ter gravado aquelas músicas.

DE BREGA

Mês passado, no Sesc Ipiranga, em São Paulo, Jane (a Jane do Herondy, a dupla do clássico brega *Não se vá*) deu uma bronca pública em Chico Buarque. Ao microfone, disse que Chico não a respeita mais porque ela é vista como cafona. Lembrou à platéia que, a convite do próprio Chico, ela é quem canta *Com açúcar, com afeto*, no segundo LP do artista, de 1967. "Naquela época ele gostava de mim, mas agora nem cita mais o meu nome", desabafou. Na década de 60, Jane cantava bossa nova com os irmãos, no grupo Os Três Morais.

DE CONFUSÃO

Chico foi vaiado num festival de 1968: "Superado, superado, você está velho", gritava parte da platéia, quando ela cantava *Benvinda*. Gilberto Gil levantou-se para protestar contra a vaia (segundo diz Caetano no livro *Verdade tropical*) ou, como saiu na imprensa, para reforçar o coro. Na época, Chico não teve dúvida da participação de Gil na vaia: "Um sujeito trata a gente bem e depois você o descobre chefiando uma vaia lá na platéia... Todo mundo viu". Ficou um mal-entendido e até hoje Gil não se manifestou claramente sobre o episódio.

DE DITADOR

Chico compôs *Apesar de você* como um protesto ao ditador Médici. Em 1970, ninguém notou que ela tinha cunho político, e foi gravada por Clara Nunes e Benito Di Paula. Em fevereiro de 1971, porém, sai uma nota na coluna de Sebastião Nery na *Tribuna*, dizendo que seu filho e coleguinhas a cantavam com garra, como se fosse uma *Marselhesa*. Nery foi chamado à polícia. Semanas depois, a canção foi vetada. O **JB** ouviu Nery para saber se ele se sente, de alguma forma, o culpado pela revelação: "Até hoje isso é um drama para mim", diz.

Nos faltam palavras para homenageá-lo.
Por isso, usamos as dele.



“palavra prima, uma palavra só, a crua palavra que quer dizer tudo anterior ao entendimento, palavra.”

Lançamento de caixa especial em edição limitada, contendo:

- 12 CDs + 2 DVDs • Livroto luxuoso com 90 páginas
- Projetos gráficos originais em digipack • Fotos raras e inéditas
- Biografia e discografia comentada em português, inglês e francês

BMG
BRASIL

Independente
quando ainda
não havia o divórcio.

O jornal do Brasil.
Desde 1891.

JORNAL DO BRASIL
www.jb.com.br

Assine: (0xx21) 2323-1000

Sucesso por toda a ditadura

IMAGEM

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA B9

O fotógrafo Marcelo Tabach teve então a idéia de produzir uma série de fotos de Chico sem camisa, de frente e de perfil, como alguém preso e fichado. O artista topou. “Eu fiz as fotografias com uma luz vinda de cima, para reforçar o clima de Dops”, recorda Tabach. No dia seguinte, as fotos ilustravam a primeira página do jornal. E, no domingo subsequente, eram republicadas, pois haviam sido escolhidas como as “fotos da semana”. Mesmo inconscientemente, vai-se fortalecendo a imagem de Chico como principal enfrentador do regime militar.

E talvez ele nem tenha sido o mais censurado artista da época. A proibição a Chico alcançou visibilidade e dimensão maiores exatamente por causa desta construção de imagem. Note-se que a época em que Chico mais vendeu discos e teve suas músicas tocadas fartamente no rádio foi exatamente durante a ditadura. Canções como *Pedro pedreiro*, *A banda*, *Carolina*, *Construção*, *Cotidiano*, *O que será*, *João e Maria* e *Vai passar* – os maiores sucessos de sua carreira – foram compostas, gravadas e veiculadas no tempo do regime dos generais. Mas a imagem mais forte que vem à cabeça do público é a do Chico proibido, impedido de gravar suas músicas ou de cantá-las nos shows.

Os 60 depoimentos reunidos neste *Caderno B* especial, em absoluta maioria juntam-

se num mesmo mote: Chico, como compositor ou brasileiro, aparece praticamente desprovido de defeitos. A adjetivação positiva, quando o assunto é Chico Buarque, costuma mesmo vir em doses fartas. E isto pode ser constatado também em livros-tributo (como o recém-lançado *Chico Buarque do Brasil*, organizado por Rinaldo de Fernandes) ou mesmo em publicações de cunho didático, como o tomo dedicado a Chico na coleção *Mestres da música*, de 2002, de Ângela Bragat-Torres, que escorrega em erros de caráter histórico, como datas e nomes de personagens, mas é benevolente com “o cidadão e artista” Chico, “um dos mais respeitados do país”.

No livro *Para todos*, lançado em 1999 pela jornalista Regina Zappa, parte da coleção *Perfis do Rio*, o nome do artista aparece vinculado a cerca de 50 adjetivos positivos. O livro faz parte de uma coleção laudatória, é verdade. Mas em outras obras do mesmo título (como os perfis de Paulinho da Viola, escrito por João Máximo, e de Janete Clair, por Artur Xexéo) há uma média significativamente menor de elogios por página. No de Regina Zappa, Chico é apresentado, por exemplo, como “genial”, “sensível”, “independente”, “íntegro”, “ético”, “antimarketing”, “coerente”, “determinado”, “bem comportado”, “bem informado”, “alegre”, “solto”, “engraçado”, “espirituoso”, “despojado”, “discreto”, “cuidadoso”, “reservado”, “sereno”, “sociável”, “caseiro”, “homem simples”, “motorista tranqüilo, cauteloso e disciplinado”. Ela afirma ainda que Chico Buarque “definitivamente, está na sua última encarnação”. (L.B.M.)